

**JNT - FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY  
JOURNAL ISSN: 2526-4281 - QUALIS B1**



**OS SUBSTANTIVOS EM AKWÊ MRMÊZE:  
UMA PROPOSTA LEXICOGRÁFICA NA  
PERSPECTIVA DA IDENTIDADE XERENTE**

**THE NOUNS IN AKWÊ MRMÊZE: A  
LEXICOGRAPHIC PROPOSAL FROM THE  
PERSPECTIVE OF XERENTE IDENTITY**

**Valteir TPÊKRU XERENTE**  
Universidade Federal do Norte do  
Tocantins (UFNT)  
E-mail: valteirtxerente@hotmail.com

**Francisco Edviges ALBUQUERQUE**  
Universidade Federal do Norte do  
Tocantins (UFNT)  
E-mail: fedviges@uol.com.br



## RESUMO

Este artigo apresenta um estudo sobre os substantivos em Xerente (Akwẽ Mrmẽze), abordando uma proposta lexicográfica numa perspectiva da identidade Xerente. Assim, teve como objetivo geral de relacionar e analisar os substantivos em Xerente (Akwẽ Mrmẽze), com a finalidade de contribuir com a educação escolar indígena, como material didático para professores das escolas akwẽ. A problemática de pesquisa visa a compreender as contribuições que os estudos linguísticos podem agregar à língua Akwẽ, especificamente quanto ao uso dos substantivos, além da investigação e documentação da língua Xerente e sua tradução para língua portuguesa. No que refere à metodologia, apresenta uma pesquisa etnográfica, com revisão bibliográfica, em que houve a descrição dos substantivos simples e compostos, bem como o seu processo de construção, com base em autores como Nimuendaju (1942), Guimarães (2002), Braggio (2015), Sousa Filho (2007) e Albuquerque (2013). Os resultados obtidos apresentam exemplos em língua materna de situações específicas da língua akwẽ: os nomes simples e compostos, bem como os nomes xerente de acordo com os clãs (divisão social do povo).

**Palavras-chave:** Educação Escolar Indígena. Povo Xerente. Substantivos simples e compostos.

## ABSTRACT

This article presents a study about the nouns in Xerente (Akwẽ Mrmẽze), approaching a lexicographic proposal from a perspective of Xerente identity. Thus, its general objective was to relate and analyze the nouns in Xerente (Akwẽ Mrmẽze), with the purpose of contributing to indigenous school education, as didactic material for teachers of akwẽ schools. The research problem aims to understand the contributions that linguistic studies can add to the Akwẽ language, specifically regarding the use of nouns, in addition to the investigation and documentation of the Xerente language and its translation into Portuguese. Regarding the methodology, given the characteristics of the research, we opted for a study that could contribute to indigenous school education, and therefore, there is an ethnographic research and literature review, in which there was a description of nouns. simple and compound, as well as its construction process, based on authors such as Nimuendaju (1942), Guimarães (2002), Braggio (2015), Sousa Filho (2007) and

**Valteir TPÊKRU XERENTE; Francisco Edviges ALBUQUERQUE. Os Substantivos em Akwẽ Mrmẽze: Uma Proposta Lexicográfica na Perspectiva da Identidade Xerente. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2021. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: [jnt@faculdefacit.edu.br](mailto:jnt@faculdefacit.edu.br). 2021. Dezembro. Dossiê Temático: Educação Indígena. Ed. 32. V. 1. Págs. 375-417.**

Albuquerque (2013). The results show examples in mother tongue of specific situations of the akwê language: simple and compound names, as well as shherent names according to clans (social division of the people).

**Keywords:** Indigenous School Education. Xerente people. Simple and compound nouns.

## ROMWASKU KTURÊ<sup>1</sup>

Tâkâhã hêsuka krâikrta wamhã romnîzem kuïkre rehã wat wasku tô akwê mrmêzem nã, wanîm romkmãdã tô kbure wasiwamsi smîsi kuïkre snã wat krsakra mnõ pibumã romnîsizem krturê kãtõ ponkwanê ïsnãkrta nêhã. Are kbure wanîm romkmãdã tô aimõ romnîsizem kuïkreze kuitab snã wat krsakram psê mnõ pibumã wasimrmêzem nã, wasimãzusze tô aimõ rowahtuzem nrõwa mba hã rowahtukwai nõrî tâkâhã romnîzem rehã hêsuka krâikrta nã wat waihã pibumã. Tâkâhã romnîsizem mnõ ïkwaimba ktabi wat kuïkre pibumã tuiti, are kbure ro tô nõkwa têkwanî wamsi za kawaihuk, tanê pari mâtõ tokto ro tmã sikupsbinmrã pês, damrmêzem wamhã tê waihku pês saktê snã, romnîsizem kuïkre mnõ wasimrmêzem nã kãtõ dure ïkwaimba ktãwankõ mrmêzem tmê krsi kmã spikrai mnõ pibumã. Are dure kmã wanîpize tô akwê nîm rowahtuzem nrõwa mba rowahdu wat kuiptu pibumã, dawanã hã tô romnîsizem mnõ kuïkre snã. Wanîm romkmãdkã nãhã rowahtuze aimõ rowahtukwai nõrî dawanã tê waihukukwa tô tahãnrî: Nimuendaju (1942), Guimarães (2002), Braggio (2015), Sousa Filho (2007) kãtõ Albuquerque (2013).

**Damrmê Nnãkrtaze:** Rowahtu Waihkuze wawaimba hã. Akwê Xerente. romnîsizem kturê kuïkre kãtõ romnîsizem siwaptom kuïkre.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado da pesquisa intitulada “Os substantivos em Akwê Mrmêze: uma proposta lexicográfica na perspectiva da identidade Xerente”, desenvolvida com o povo de mesmo nome localizado no estado do Tocantins. Os Xerente fazem parte da família linguística Jê e do Tronco Linguístico Macro-Jê, segundo Rodrigues (1986). O povo Xerente, autodenominados Akwê, forma juntamente com os Xavante (autodenominados Awê), de Mato Grosso, o ramo central das sociedades de língua Jê.

<sup>1</sup> Resumo na língua indígena Xerente.

Quanto ao território Xerente, que é composto pelas Terras Indígenas Xerente e Funil, fica localizado no cerrado tocantinense, na margem leste do rio Tocantins, 70 km ao norte de Palmas (capital). Historicamente, vale a evidência de que a cidade de Tocantínia, localizada entre as duas terras, tem sido espaço de tensões entre a população local não-indígena e os Xerente (AZANHA; LADEIRA, 1996).

Evidencie-se, de acordo com Braggio (2000), que existem alguns relatos orais indígenas que levantam a hipótese de que os Akwẽ teriam em tempos imemoriais ocupado áreas próximas ao mar. Entretanto, a historiografia oficial assinala que os primeiros contatos entre os Akwẽ e segmentos não-indígenas remontam ao século XVII, com a chegada de missões jesuítas e colonizadores (bandeiras e entradas) ao centro-oeste brasileiro.

Ainda na perspectiva histórica, no século XVIII, conforme Luz (1999) com a descoberta de minas de ouro, intensificou-se a colonização dos territórios indígenas localizados na então chamada Capitania de Goiás. Entre 1750 e 1790 registrou-se a construção dos primeiros aldeamentos indígenas financiados pela Coroa. Visavam a abertura do território através da atração e pacificação dos diversos povos indígenas ali localizados. Parte dos Akwẽ (Xavante, Xerente, Acroá, Xacriabá), além dos Javaé e Karajá, entre outros, viveram temporariamente em alguns desses aldeamentos (Duro, Formiga e Pedro III, também conhecido como do Carretão), para em seguida rebelarem-se e se refugiar em regiões menos povoadas, ao norte da Capitania. E como se vê, a intromissão do não indígena há muito tem trazido consequências à etnia Xerente.

Na mesma perspectiva, desde a fundação do Estado do Tocantins, em 1989, o território Xerente é foco das atenções regionais (e nacionais) devido a sua localização estratégica. Encontra-se atualmente rodeado de projetos de desenvolvimento incentivados pelos governos federal e estadual, em parceria com a iniciativa privada. Desta forma, torna-se relevante, frente ao contato de Xerente e não indígenas, inclusive pela intervenção de obras (desenvolvimentismo) na região, que a educação para os povos indígenas seja uma educação com propósitos de manutenção linguística (WEWERING, 2012).

O objetivo principal foi realizar estudo sobre uma proposta lexicográfica dos substantivos em Xerente (Akwẽ Mrmẽze). Abordamos especificamente os substantivos simples e compostos. Este trabalho fornece ao leitor informações sobre o uso dos substantivos simples e compostos em língua materna Akwẽ Mrmẽze.



A abordagem teórica baseou-se em autores como Mattos (1973), Mattos (1981), Krieger e Krieger (1994), Braggio (2005), Souza Filho (2007); Mesquita (2009). A pesquisa linguística contribuiu, assim, com a educação escolar bilíngue do Povo Akwẽ-Xerente. Conforme os dados da FUNAI de Tocantínia (2018), o povo (Akwẽ) Xerente possui uma população aproximada de 4.115 pessoas distribuídas em 82 aldeias. A área Indígena Xerente é regulamentada pelo decreto nº 71.107, de 14 de setembro de 1972, é de 183.245,90 hectares. Porém existe também a reserva da Terra Indígena do Funil, regulamentada através da portaria 644/E, de 13/11/79, que estabeleceu 15.703 hectares demarcados ao de 1991.

O povo Xerente se autodenomina Akwẽ (indivíduo resistente, forte, gente, pessoa), que se subdividem em duas metades: dohi tdêkwa e ãsake tdêkwa e seis clãs conhecidos pelo Povo Akwẽ internamente pelos clãs defronte, conforme sua origem. A reciprocidade prevalece entre os clãs defronte como por exemplos Kuzâ Wahirê Kbazi ãsake Krito e Krãiprehi propriamente conhecidos pelos Akwẽ. As pinturas corporais são diferentes em cada um dos partidos, prevalecendo o círculo, na metade Dohi, e o listra que identifica os clãs da metade ãsake. O material utilizado para a pintura durante as festas e comemorações Akwẽ-Xerente são o ‘jenipapo’ (wdêkrã), o ‘pau-de-leite’ (arêmsku), o ‘urucum’ (bã) e o ‘carvão’ (wdêpro). Em relação à nomeação, cada um dos partidos Akwẽ-Xerente possui determinados ‘nomes próprios’ (danĩsize mnõ) – passados a cada nova geração, os quais são responsáveis pela organização sociocultural Akwẽ-Xerente.

Vale observar que a própria composição dos nomes próprios Akwẽ geralmente se refere a elementos da natureza, como nomes de plantas e de animais (ou de suas partes) e / ou, ainda, a determinadas habilidades e características destes seres naturais. Alguns exemplos são, Sdupudi (sdupu ‘pica-pau’ + -di: Nominalizador = “nome próprio feminino Xerente”) e Hêspomêkwa (hêspo ‘banana’ + -mêkwa: Nominalizador = “nome próprio masculino”).

Assim, cada nome próprio possui um ‘cântico de nomeação’ (danõkrê danisize wam hã), uma espécie de “registro de identidade” do nome recebido. A escolha dos nomes e a permissão ou não de sua utilização são determinados pelos clãs. Os nomes estão, ainda, relacionados às “formas de respeito” e às formas de tratamento em Akwẽ. Essas formas são utilizadas antes dos nomes próprios ou, ainda, os substituem em alguns contextos de uso como, por exemplo, ‘ĩnõrê’ (forma de respeito ao irmão mais novo de homem), e ‘ĩkumre’ (forma de respeito ao irmão mais velho de homem).

Os principais ‘rituais comunitários’ (akwê sipsêze) Akwê-Xerente são a festa de nomeação masculina (kwatbremĩ nĩsize mnõ) e feminina (baktõ nĩsize mnõ), a ‘corrida de tora’ (kuĩwdê nã dawra) e o ‘batizo do milho’ (nãnmãzu). Elementos naturais importantes são o ‘coco’ (nrõ), a ‘mandioca’ (kupa), o ‘milho’ (nãnmã), o ‘buriti’ (pizu wdê). O pizu wdê (‘buriti’), por exemplo, além de ser alimento dos Akwê, é utilizado na construção de suas ‘casas’ (kri), usado como ‘remédio tradicional’ (akwê sikunmõze), nos ‘artesanatos’ (akwê nĩm romkmãkwamãrĩ) e é, também, elemento essencial na ‘corrida de tora’ (kuiwdê nã dawra). Todas as toras utilizadas na “corrida” são ornamentadas a partir de dois desenhos: do ‘jabuti’ (“Stêromkwa”) e da ‘sucuri’ (“Htãmhã”). Esta corrida é realizada, por exemplo, na ‘festa de nomeação’ (danõkrê dasĩpsê wam hã) dos meninos, evento no qual o Padi (“Tamanduá”), um ser da mitologia Akwê (c.f. NIMUENDAJÚ, 1942), se apresenta para a comunidade.

Apesar do contato forte e interferência pela sociedade neo-brasileira os Akwê ainda registrem com seus costumes, crenças, hábitos e tradições milenares e sua língua materna as pescaria, as caçadas, as cantorias e o conhecimento tradicionais não citados.

## ASPECTOS SOCIOHISTÓRICOS DO POVO AKWÊ XERENTE

### História de Contato do Povo Akwê Xerente

De acordo com Braggio (2000) existem alguns relatos orais dos velhos wawê indígenas que levantam a hipótese de que os akwê teriam em tempos imemoriais ocupado áreas próximas ao mar. Entretanto, a historiografia oficial assinala que os primeiros contatos entre os akwê e segmentos não indígenas remontam ao século XVII, com a chegada de missões jesuítas colonizadores (bandeiras e entradas) ao centro oeste-brasileiro. Entre 1750 e 1790 registrou-se a construção dos primeiros aldeamentos indígenas financiados pela Coroa. Visavam a abertura do território através da atração e pacificação dos diversos povos indígenas ali localizados. Parte dos Akwê (Xavante, Xerente, Acroá, Xacriabá), além dos Javaé e Karajá, entre outros, viveram temporariamente em alguns desses aldeamentos (Duro, Formiga e Pedro III, também conhecido como do Carretão), e após rebelarem, refugiaram-se em regiões menos povoadas, ao norte da Capitania.

### População e Localização do Povo Akwê Xerente

O Povo Akwê Xerente, que, segundo Rodrigues (1986) pertence ao Tronco Macro-Jê e à Família Linguística Jê. O Povo Xerente se autodenomina Akwê (indivíduo

resistente, forte, gente, pessoa), que se subdividem em duas metades: dohi tdêkwa e ãsake tdêkwa e seis clãs conhecidos pelo Povo Akwẽ internamente pelos clãs defronte, conforme sua origem. O Povo Akwẽ Xerente ocupa as áreas indígenas denominadas T.I. Xerente (delimitada pelo Decreto 71.107 de 14/09/72, demarcada pelo Decreto 76.999 de 8/01/76 e homologada pelo Decreto 97.838, de 16/06/89, com extensão de 167.542,105 hectares) e a T.I. Funil (delimitada pela Portaria 1.187/E/82 de 24/02/82 e homologada pelo Decreto 269 de 29/10/91, com extensão de 15.703,797 hectares), totalizando 183.245,902 hectares. Segundo dados da FUNAI de Tocantínia 2018, atualmente a população Xerente é de 4.115 indivíduos, distribuídos em 82 aldeias e nas cidades de Tocantínia.

As aldeias localizam-se ao longo dos cursos de água, entre uma paisagem de cerrado e mata de galeria. As aldeias grandes são: Porteira (450), Salto (465), Funil (303), Rio do Sono (104) e Brejo Comprido (136), mas a maioria contava com contingentes em torno de 50 pessoas, havendo assentamentos bem menores, todos reconhecidos pelo status de aldeia. Consideramos aldeia um grupo social politicamente autônomo, com seu cacique, sendo reconhecida como tal pelos demais e pelos órgãos públicos. Essas aldeias localizam-se em terras que também servem de vias de acesso entre municípios do Estado, o que faz com que haja uma forte pressão por parte das autoridades dos municípios para que os Xerente aceitem a pavimentação das estradas que cortam seu território. Segundo Nimuendaju (1939), os Akwẽ, um ramo dos Jê Central, reuniam os Xerente, Xavante e Xacriabá.

As primeiras notícias sobre os Xerente não fazem uma distinção clara entre estes e os Xavante. Para o autor, os dois grupos tinham essencialmente a mesma língua e costumes, distinguindo-se no sentido político e espacial. Houve uma cisão entre os dois grupos, em 1850, quando os Xavante dirigiram-se definitivamente para oeste, atravessando o rio Araguaia, enquanto os Xerente permaneceram em ambas as margens do rio Tocantins. A partir então de 1859, as citações distinguem claramente os

Xerente dos Xavante. Essas primeiras notícias sobre os Xerente-Xavante referem-se a sua resistência aos garimpeiros que vieram do sul, atingindo seu território tradicional - a mesopotâmia Araguaia-TO e seu lado oriental. Em 1845, o missionário Rafael de Taggia estabelece uma escola entre os Xerente, dirigida pelo frei capuchinho Antonio de Ganges, que permaneceu na região de 1851 a 1899 e, em 1851, é fundada Piabanha, hoje Tocantínia, com o registro de 2.139 índios. Em Samuru Xerente (2012) encontramos referências ao processo de redução populacional dos Xerente, decorrente da expansão da

frente colonizadora nacional, que demonstra o caráter impactante do processo de conquista de território e dominação social. Em 1900, os Xerente somavam 1.360; em 1929, 800, chegando a 1957 com 350 pessoas.

Segundo Guimarães (1996), a etnografia sobre os Xerente foi feita em três momentos separados entre si por um intervalo de vinte anos em média. O primeiro estudo etnográfico sobre essa sociedade é de autoria do etnólogo alemão Curt Nimuendaju, cujos manuscritos, resultado de trabalho de campo realizado em 1930 e 1937, foram traduzidos para o inglês por Lowie (1941), para impressão em 1942. O segundo estudo é do antropólogo inglês David Maybury-Lewis, que antes de estudar os Xavante, outro grupo Akwe, esteve entre os Xerente em 1955 e 1963, voltando posteriormente em 1984. O terceiro momento tem sua pesquisa de campo entre os anos de 1983 e 1987, realizada sobre pintura corporal, tomada enquanto linguagem simbólica da organização social dos Xerente.

### **Organização Social dos Xerente**

Os Xerente, assim como os demais integrantes da família Jê, desenvolveram uma organização social complexa que obedece a um sistema de clãs patrilineares e constitui-se numa sociedade com princípio da dualidade, isto é, tem como critério ordenador a antítese ou a oposição mediada. Conforme Tpêkru (2011), os Xerente se organizam em duas metades: Wahirê e Doí e os clãs patrilineares se distribuem vinculados a essas duas metades. De acordo com a cultura akwê, o pertencimento a um desses clãs é determinado por linha paterna, os filhos pertencem ao mesmo clã do pai. O indivíduo, portanto, já nasce fazendo parte de um clã e será diferenciado pelo nome que terá e pelos adornos e pinturas corporais que poderá usar.

### **Formato da Aldeia Xerente de Antigamente**

Na história contada pelos nossos “wawê” (velhos), conforme Tpêkru (2011), as aldeias eram organizadas em formatos de ferradura ou meia lua, a partir de metades e clãs. A aldeia tinha por sua vez a forma de uma meia lua e ferradura, com a parte aberta da meia lua voltada para o por do sol e o fundo da aldeia voltado para o nascer do sol, de onde também saía o caminho da fonte. Essa característica da aldeia tradicional facilitava o relacionamento de parentesco e clãs próximos. A metade “ĩsaptô tdêkwa” (dono dos círculos) se localizava ao norte e, ao sul a outra metade, “ĩsake tdêkwa” (dono das listras), ambos com seus respectivos clãs.



De acordo com Waikazate nossas casas ficavam com portas de frente para o pátio, “Warã,” da aldeia. O Warã antigamente era um centro de ensinamento onde os mais velhos considerados como mestre doutores representante de cada metade dos clãs, transmitiam tudo a respeito dos nossos conhecimentos tradicionais do mundo akwê para futuras gerações dos mais jovens. Antigamente as práticas educativas tradicional do Povo akwê são institucionalizadas através do warã. Mesmo que o warã é um espaço de educativo, também é considerada uma espécie de fórum onde são decididas as questões que envolvem os interesses do povo akwê. Essas práticas de ensino no warã ocorriam continuamente e de uma forma sistematizada. Atualmente essas práticas de ensino não acontecem mais no nosso meio. Elas ocorrem somente quando acontecem as festa de dasîpê, ou seja, quando se realiza festa tradicional da cultura akwê. Durante a realização do dasîpê os conhecimentos tradicionais são atualizados e reafirmados para o presente os ensinamentos dos jovens, o respeito, as regras e as normas próprias do Povo Akwê Xerente (TPÊKRU, 2011).

A concepção de educação dos anciãos Akwê - Xerente é diferente dos entendimentos dos professores indígenas da atualidade. Os anciãos receberam uma educação tradicional, que valoriza os mitos, os costumes, as crenças, os rituais, a história, a cultura do seu povo, em que a forma de ensinar se dava através das narrativas dos mitos, dos discursos e da repetição. Esta educação tradicional indígena Xerente, consistia numa espécie de “obrigação” dos mais velhos, sendo usual que os homens ensinassem os jovens do sexo masculino e as mulheres ensinassem as jovens do sexo feminino (SAMURU XERENTE, 2012).

### **Pintura Corporal do Povo Akwê Xerente**

No Povo Akwê Xerente existem seis clãs, com seis pinturas diferentes, respectivamente quais sejam: “kuzâp tdêkwa, kbazi tdêkwa, krito tdêkwa, ïzake tdêkwa, wahirê tdêkwa e kräiprehi tdêkwa”. Essas são divididas em duas metades: “Dohi tdêkwa” e “Ïsake tdêkwa”. O “dohi tdêkwa” quer dizer dono de círculos, que são: “kuzâp tdêkwa” significando dono de fogo que se pinta de círculo menor, “kbazi tdêkwa” sendo o dono de algodão, ora se pintando de círculo médio e “krito tdêkwa” que é o dono de mangaba, que se pinta de círculo grande. “Ïsake tdêkwa” quer dizer dono de listras que são “wahirê tdêkwa” significa o dono de talo de buriti, “ïzake tdêkwa” dono de algo que tem listra e “kräiprehi tdêkwa”, que, quer dizer pessoa que tem cabeça vermelha, ou seja, cabelo

vermelho. Para o Povo Akwẽ Xerente a pintura corporal significa identidade, através da pintura corporal, também os akwẽ se respeita onde chamamos de “wasisdanãrkwa” (o nosso consultor) que é clãs parceiros relativos. Os parceiros relativos são: “kuzâ” com o “wahirê”, “ĩzake” com “kbazi” e “krito” com “krãiprehi”.

### **Festas Tradicionais do Povo Xerente**

De acordo com as histórias contadas pelos nossos antepassados, vamos deixar registrado um pouco do conhecimento sobre a festa tradicional do povo Xerente. Antigamente, para se realizar a festa tradicional, primeiramente acontecia uma reunião entre os anciãos da aldeia e, ali, eles combinavam tudo sobre o que iria acontecer durante a realização da festa. Também, era escolhido o local onde se realizaria a festa. Depois da escolha do local, também era escolhido os mensageiros e eles são enfeitados pelos clãs parceiros da aldeia. Esse mensageiro fica responsável em convidar pessoas de outras aldeias diferentes. Após o convite do povo, com a chegada de várias pessoas de aldeias diferentes, começa a festa cultural. Durante a festa, todos os dias aconteciam as “daprba” (danças tradicionais), os danõkrê (cânticos) e “kũiwê nã dawra” (a corrida de tora de buriti) que são chamadas “kũiwê krtõrê” (tora de buriti pequeno). Essa corrida é realizada de manhã e a tarde. Quem prepara a tora de buriti são somente os “danõhuĩkwa” (mensageiros), que são os que podem trabalhar nesse preparo.

### **Nomeação Feminina**

Os nomes das meninas são dados de acordo com os clãs. Cada clã tem os nomes e quem escolhe os nomes são os “wawẽ” (velhos). Nas nomeações das “aikde” (crianças), elas são pintadas e são colocados enfeites pelos clãs que são parceiros muito respeitados por este outro clã. Por exemplo: os clãs de “kuzâp tdêkwa” são pintados pelo “wahirê tdêkwa”, e os clãs de “kbazi tdêkwa” são pintados pelo “ĩzake tdêkwa”, e os clãs “krito tdêkwa” são pintados por “krãiprehi tdêkwa”. Nas nomeações, os tios das meninas pegam nas mãos delas e saem com elas para fora da roda da festa. Isso acontece nos pátios e termina nas casas dos parentes das meninas. Os tios são maternos e os nomes que são dados nas nomeações são iguais aos registros dos cartórios. Com isso, as meninas passam a ser reconhecidas e chamadas pelo nome que foram dados pelos velhos, nas festas.

## Nomeação Masculina

Para a introdução da festa de nomeação dos meninos costuma-se sair os nomes “Waikwadi” e “Brupahi”. O nome ‘Waikwadi’ vem do peixe “pacu” e ‘Brupahi’, do nome “andorinha”. Ambos os nomes, são “abertura” para todos os outros nomes. Também durante o período de festa, os mensageiros responsáveis preparam “kũiwê nã dawra” (a corrida de tora de buriti) para adornar a festa do Povo Akwê Xerente. Na nomeação dos meninos, também se costuma fazer preparação dos “danôkrê” (cânticos), em espaço reservado fora da aldeia, com acesso restrito para as mulheres. Os cânticos da mata ficam na responsabilidade dos anciãos ou pajé, onde são conduzidas por eles as letras das sete músicas e, além disso, eles escolhem pessoa de outra metade em duas turmas, uns canta um lado, depois o outro responde repetindo a música.

A maioria dos jovens akwê Xerente não consegue cantar igualmente dos mais velhos, pois o ritmo e a melodia das cantigas são difíceis, sendo que é reconhecido e conhecido por todos os Xerente, embora alguns tenham mais habilidade para o canto. Cantam postados em círculos, deslocando-se para um lado esquerdo e para o lado direito, marcando o ritmo com a batida de um bastão “kupsdi” preparado ali mesmo. Para finalizar o ritual do “kbuhiŋkwa”, ou seja, os cânticos da mata os ancião da ordem a todos ali presente se dividir por metade: dohi tdêkwa e ãsake tdêkwa. Também são escolhidos “dakmãhrâkwa” nomeadores, duas mulheres e um homem do clã ãsake tdêkwa e duas mulheres e um homem do clã dohi tdêkwa “dazazêikwa” confirmadores. Todos eles são enfeitados por seu dasisdanãrkwa clãs correspondentes. Continuando o ritual o ancião faz a divisão por metade em forma de fileira, e assim inicia-se a pintura com carvão nas pernas e no rosto pelo chamado de wasisdanãkwa ou dasisdanãkwa, clã parceiro ou correspondente.

Seguindo a realização das pinturas chegam o momento mais importante do dia antes da saída da mata, o romkrêptkã discurso tradicional dos mais velhos do Povo Akwê. Esses discursos se tratam diretamente do conselho aos jovens para que eles possam ter um mínimo de respeito e ser obediente dos seus clãs parceiro, ou seja, do “wasisdanãrkwa/dasisdanãrkwa”. Após todos anciãos das duas metades terminarem os discursos iniciam-se a saída dos homens deixando a mata, todos eles com bastão na mão cada um caminhando devagarzinho com seu corpo curvado, em duas filas, cada metade de um lado. Chegando ao centro da aldeia, ou seja, no pátio eles ficam em duas filas uma de frente para a outra imitando um confronto todos com bastão fazendo sons de gemido, assim eles se cruzam sem poder tocar no bastão do outro, segundo os mais velhos se caso

acontecer um toque entre o companheiro a pessoa esta em risco de morrer a qualquer momento.

Esse movimento de cruzamento entre eles são repetidos em três vezes. Finalizando o momento de cruzamento eles se dividem novamente em duas fileiras, onde logo em seguida são chamados os nomeadores entre as filas um grupo defronte o outro, sempre sob orientação de um ancião. Tudo pronto, e começa a nomeação masculina, a abertura de nomes não se pode iniciar de qualquer forma: tem estar de acordo com a metade dos clãs, como por exemplo: dohi tdêkwa os que se pintam de círculos na abertura costume sair o Srêmtôwê, Kumnãse e Prase e se for do ãsake tdêkwa os que se pintam de listras costume sair o nome Pnĩkudã, Wawêkrurê e Romtêpre.

### **Corrida de Tora de Buriti**

Antigamente, a festa Xerente costumava acontecer em um mês e, durante a festa, todos os dias de manhã e a tarde, era realizada a corrida de tora menor, que chamamos de “ĩkrtôrê” ou “ĩknõ” (“tora de buriti pequena”). Mas, atualmente, a festa indígena Xerente não acontece igualmente acontecia antes, porque a população indígena Xerente diminuiu, principalmente, os anciões. Portanto, a festa indígena Xerente de hoje costuma acontecer em no máximo duas semanas. Na competição da corrida de tora entram os dois sexos: masculino e feminino. A preparação de “kũiwê” (tora de buriti) é feita pelos “danõhuĩkwa” (mensageiro). Essas pessoas ficam responsáveis pela preparação da tora, tanto para os homens, como para as mulheres. O peso da tora de buriti das mulheres é menor do que o dos homens, pesando de 45 quilos a 50 quilos. Já a dos homens pesa mais ou menos de 70 a 120 quilos.

### **Origem da Mulher**

Os nossos anciões, “wawê”, contam que no começo da formação do povo akwê existiam apenas dois únicos seres habitando o planeta terra: era Bdã que significa sol, Wairê que é a lua e somente eles andavam por aqui. Criaram o céu, a terra e também os homens. Segundo a história no começo existiram somente os homens, onde de acordo com a história os homens faziam relação sexual entre eles e engravidava, mas não conseguiam dar luz e assim morriam na hora do parto. Bdã e Wairê viram isso que não era bom, acharam que faltava uma coisa além daqueles homens. Então o Bdã resolveu colocar uma

mulher muito bonita bem caracterizada pintada e enfeitada, numa fonte em cima de uma árvore onde a sombra da mulher apareceu no fundo da água.

Quando os homens chegaram à fonte para banhar primeiramente viram a sombra da mulher, eles pensaram que fosse ao fundo da água, e assim os homens começaram a mergulhar para pegar ela. Muitos homens que estavam lá mergulharam sem parar e todos ficaram com muito frio sem conseguir nada, nenhum deles que estavam na fonte olhou para cima sendo que a mulher estava em cima da árvore. Enquanto todos os homens que estavam atenciosos na sombra da mulher no fundo da água, chegou uma onça parda e logo olhou para cima e viu que era uma mulher, não pensou duas vezes logo foi em cima e derrubou a mulher da árvore.

A onça agarrou a mulher e fez a relação sexual e quando os outros homens viram isso todos foram em cima da mulher, ninguém esperou a onça parda terminar a relação. Assim todos os homens ejacularam em toda parte do corpo da mulher de qualquer jeito, a mulher não resistiu e faleceu depois disso cada um deles tirou um pedaço do corpo da mulher e enrolaram com folha alguns deles amarraram bem leve e os outros amarraram bem apertados. Em seguida eles voltaram para casa deles levando consigo o pedaço do corpo da mulher para guardar nas casas onde moram. Nos outro dia eles combinaram para saída da caçada na mata em busca de animais e ao mesmo tempo ficar um bom tempo fora da aldeia.

E assim, todos ficaram mais ou menos dois meses sem alguém ir para casa. Até que um dia a noite um dos anciãos se lembrou da aldeia e indicou um “danõhuikwa” mensageiro para que fosse a aldeia visitar as casas. De manhã bem cedo o mensageiro foi à aldeia quando estava chegando por perto ele ouviu o barulho de pessoa. Chegando à aldeia viu muita gente mulheres, crianças e elas perguntando por marido delas. Essa transformação de gente surgiu do pedaço do corpo da mulher que cada um deixou guardado na casa. Segundo os wawẽ contam que o pedaço do corpo que foi amarrado bem leve que surgiu a mulher com corpo bonita sem apresentar qualquer tipo de deficiência e aquele pedaço que ficou bem amarrado apertado é que surgiram as deficiências no corpo. Essa é história dos nossos antepassados sobre a origem da mulher.

### **Casamento Tradicional do Povo Akwẽ Xerente**

Antigamente o casamento akwẽ acontecia da seguinte forma, quando uma menina nascia o homem, ou seja, rapaz de outra metade dos clãs pedia em casamento aos pais



delas. Se os pais e o tio da menina aceitar o pedido do rapaz a partir deste dia ele é responsável das despesas durante da fase do crescimento da moça. A cerimônia de casamento da menina acontece depois de ser adulta e quem realiza o ritual de casamento é o tio de amarração onde ela foi amarrada no pescoço com cordinha assim que nasceu.

Quando se aproxima o dia do casamento, o tio da noiva começa a se organizar saindo para caçar em busca de caça do mato como, por exemplo: paca, veado, anta entre outros. Depois de tudo pronto é realizada o casamento. O ritual é breve a esposa do tio de amarração é quem faz a pintura e enfeite no corpo da menina conforme da metade do clã que pertence. Em seguida o tio da noiva amarra os dois tornozelos dela com uma pequena corda e também colocado no pescoço um colar com dois dentes de capivara, simbolizando a virgindade. Enfeitados e pintados à noiva é levado pelo tio acompanhado com seus familiares dirigem-se à casa do noivo que está à espera da noiva sentado na esteira.

Ao chegar a noiva entrega para o noivo a cuia de alimentos preparados pela esposa do tio. Separadamente também são entrega da família da noiva mais alimentos para a família do noivo. Em seguida o ancião da parte da noiva, ou seja, o clã da metade dela inicia o discurso, pedindo a favor da noiva, o amor e o respeito tanto como do noivo, quanto da família do rapaz e ao finalizar o discurso da noiva o outro ancião responde dizendo a mesma coisa também a favor do noivo. Quando terminam os discursos, o tio vai e pega a noiva no braço levando de volta na casa dela para a despedida de solteira.

O ritual de choro é muito emocionante. A família do rapaz também faz a despedida do noivo, com o ritual de choro. De acordo com a realidade cultural do Povo Akwê casar certo é casar com clã diferente, ou seja, com pintura corporal diferente. Na organização do Povo Akwê existe seis clãs são elas: kuzâ, kbazi e krito isso é a metade dos círculos e já a outra metade são: wahirê, ãsake e krãiprehi pintura de listra. Portanto na cultura do Povo Akwê não se pode casar kuzâ com kuzâ e nem wahirê com wahirê, pois isso gera desrespeito e desvalorização da cultura.

### **Aspectos Sociolinguísticos**

No Brasil, são ainda recentes pesquisas sobre o contato das línguas indígenas com a língua portuguesa. Alguns estudos têm se intensificado, fornecendo uma visão da situação sociolingüística dos povos indígenas brasileiros. Entre essas pesquisas encontram-se os trabalhos de Albuquerque (2012), Braggio (2003), Guimaraães (1996) e Souza Filho (2007). A situação sociolingüística de uma comunidade fornece elementos sobre sua

situação sociocultural. Conhecendo essa situação, tem-se uma visão mais clara sobre uma dada língua, se está mantendo-se viva e dinâmica ou se está morrendo, sendo perdida. Entre os estudos realizados sobre a língua e o povo xerente convém citar um dos primeiros trabalhos com enfoque linguístico sobre a língua xerente: o trabalho de Mattos (1973) sobre a fonologia da língua e depois em 1994, Krieger & Krieger, Dicionário escolar Xerente-Português, Português-Xerente. Esse estudo possibilitou o estabelecimento de uma ortografia da língua, a qual é usada pelos xerente, até hoje na alfabetização e em traduções.

Muitos outros aspectos verificados em trabalhos anteriores sobre o Xerente representaram um passo a mais no sentido de conhecer e preservar a língua e a cultura deste povo. Mas mesmo com essas pesquisas que foram realizadas pelos linguísticos ainda há preocupação principalmente quando se trata da ortografia na parte da gramática, pois, até no momento a maioria dos estudante, ou seja, professores xerente estão escrevendo a língua materna akwê do seu jeito, ninguém está se preocupando com a escrita padrão. Essas falhas ainda acontecem no nosso meio porque muitos de nós não interessamos em estudar na área de linguagem sendo que a escrita da língua xerente iniciou no ano de 1958 pelo pastor Rinaldo de Mattos. Se todos pensássemos que a escrita da nossa língua é importantíssima já tínhamos uns akwê mestre ou doutor na área de linguístico.

Atualmente temos maior numero de akwê graduada em varias áreas: biólogo, direito, enfermeiro, geógrafo, historiador, jornalismo, licenciatura intercultural em ciência da cultura, ciência da natureza, ciência da linguagem, pedagoga, serviço social e um mestre em direitos humanos. Conforme tinha mencionado texto acima não temos nenhum akwê xerente especificamente formado na área de linguístico, isso nos mostra que a nossa língua materna é menos importante, ou seja, menos valorizada na parte das classificações da gramática e na estrutura da escrita. Diante dessas observações feitas por mim em relação ao ensino de língua e a escrita da língua materna nas escolas indígena xerente, tive interesse em estudar uma parte da gramática na qual escolhi o léxico dos substantivos simples e substantivos compostos em xerente.

Esse estudo é um dos primeiros akwê xerente falante nativo que esta realizando pesquisa na área de linguístico. A partir dessa pesquisa muitos akwê vão refletir que estudar a nossa língua materna vale a pena a contribuir e podem assegurar a manutenção do uso da língua no dia a dia. A relevância desta pesquisa esta na possibilidade e no desejo de contribuir com o povo akwê xerente e com nossas escolas e professores no sentido de construirmos projetos pedagógicos próprios. Sabemos que estudar uma língua indígena não

é uma tarefa fácil, principalmente quando é pela primeira vez e além disso quando a pessoa não estiver uma formação adequada na área de linguístico se torna mais difícil ainda (FARIAS, 1990).

A educação escolar surge entre o povo Akwẽ nos anos de 1945, introduzida e conduzida pelo Serviço de Proteção aos Índios, e dentro de uma concepção integracionista. As aulas eram em português, as ações não eram contínuas e os professores não recebiam nenhuma formação docente para trabalhar com crianças indígenas. Essas ações educativas desenvolvidas pelo SPI não tiveram êxito, no que se refere à aquisição da leitura e da escrita pelos Xerente.

## **PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS**

### **Estudiosos e Teóricos do Povo Xerente**

Segundo Tarallo (1999), a preocupação com os aspectos socioculturais e linguísticos do povo tradicionais, como é o caso dos Xerente (akwẽ), passa por muitos estudiosos e teorias. E isto ocorre porque ao se falar em investigação de línguas indígenas é muito difícil não pensarmos nos fatores sociais da comunidade estudada, e por isso, a sociolinguística proporciona um tipo de pesquisa que relaciona esses fatores e por isso é bastante empregada às investigações de línguas indígenas. No Brasil há cerca de 180 línguas indígenas distribuídas em várias comunidades por todo o território nacional. Segundo Aryon Rodrigues (2002), “(...) os índios no Brasil não são um povo: são muitos povos diferentes de nós e diferentes entre si (...)”, e por isso, a relevância de se fazer estudo pelo viés da sociolinguística, assim como fizeram Nimuendaju (1942), Guimarães (2002), Braggio (2015), Albuquerque (2013) e Sousa Filho (2007), e que nesta seção específica merecem o destaque.

Iniciando por Curt Nimuendaju (1930), observa-se que quando esteve entre os Xerente desde 1930, contabilizou nove aldeias com suas respectivas localizações. Observando a figura 2, localiza-se na margem direita do rio Tocantins as seguintes aldeias: Esgoto (1) e Pedra Preta (2) ao norte do ribeirão Gorgulho; Castelo (3) nas margens do ribeirão Pendanga; Porteira (4) situada no médio curso do ribeirão homônimo; Carro (5) erguida junto à aflente do ribeirão Piabanha; Boqueirão (6) situada junto à cachoeira do Funil; e a aldeia das Paineiras (7), localizada na margem direita do rio do Sono. Já na margem esquerda do rio Tocantins, foram encontradas apenas duas aldeias Pedra Hume

(1), estabelecida nas proximidades do ribeirão dos Bois e a aldeia do Sucuriju (2) (NIMUENDAJU, 1942).

Os moradores não indígenas que se estabeleceram nas proximidades de Piabanhas iniciaram a ocupação das cercanias com a criação de gado (GALLAIS, 1942). As ocupações das terras dos Xerente pelos rebanhos dos invasores foram acontecendo de tal forma intensiva, que Nimuendaju, em 1930, observou que o gado havia tomado os campos de caça dos indígenas e também prejudicavam suas roças (NIMUENDAJU, 1942). Apreende-se, por conseguinte, que Nimuendaju teve a preocupação de relatar fatos históricos do povo.

Por sua vez, Susana Grilo Guimarães, em sua obra “A Aquisição da Escrita e Diversidade Cultural - A Prática dos Professores Xerente” passa a demonstrar a preocupação com o processo educacional dessas comunidades indígenas. Guimarães (2002) relata experiências de ensino e aprendizagem com os povos akwẽ, em um momento tão duro e cheio de incertezas como a segunda metade da década de 1970. Têm-se os seus registros, as vivências dos professores Xerente nas escolas indígenas, e foi como professora nas aldeias Xerente que, por meio dos diálogos na perspectiva sociolingüística, ela contribuiu para a construção de alternativas educacionais onde os professores indígenas e suas comunidades puderam materializar o processo de alfabetização, e muitas vezes com recursos próprios e professores indígenas voluntários, atribuindo novos significados e novos valores.

Ainda para Guimarães (2002), sobre a história dos Akwẽ Xerente e a educação escolar indígena no contexto das diversas fases da política indigenista, e de situar o trabalho sobre o ponto de vista teórico metodológico, a autora configura-se como grande interventora da educação desse povo. O seu estudo demonstrou o contexto dos usos da língua Xerente e o papel da escola em face das relações assimétricas e colonizadoras com a sociedade não indígena.

Guimarães (2002) observou as práticas dos professores Xerente nas salas de aula, que adquire no processo de ensino e aprendizagem uma dimensão absolutamente dialética, onde se manifestam práticas e significados novos, contrários à concepção assimilacionista, uma vez que os professores indígenas conseguem elaborar uma pedagogia própria e referenciada na pedagogia da comunidade. Outra estudiosa de destaque é a Professora Sílvia Braggio (2015), que em seus trabalhos com o povo Xerente, pode apresentar uma versão da variedade étnica do Xerente Akwẽ. A língua Xerente pode ser classificada basicamente

como aglutinante, do tipo SOV: sujeito + objeto + verbo, diferentemente do Português que é uma língua classificada basicamente como flexional e do tipo SVO: sujeito + verbo + objeto.

Braggio (2015) define ainda que o Xerente possui posposições e não preposições como na língua portuguesa, e melhor situa esses detalhes conforme a seguir:

Apresenta fonemas e padrões silábicos que nem sempre correspondem aos do português. O gênero e a pluralização não são marcados no Nome. Há qualificadores e quantificadores para a pluralização no Nome. A pluralização é marcada no pronome pessoal e no pronome possessivo nos sintagmas nominais e verbais. Há palavras inalienáveis, ou seja, palavras que somente se apresentam com seus possuidores (termos de parentesco e partes do corpo que também marcam animais e plantas). Os verbos são não flexionados. Tempo, modo e aspecto são marcados por quantitativos ou qualificativos. Há vários classificadores para caracterizar os Nomes (BRAGGIO, 2015, p. 123).

Outro aspecto relevante tem-se no fato de que no Akwẽ ocorre uma maneira muito distinta de classificação daquilo que se faz em língua portuguesa. Para Braggio (2015), existem classificadores para plantas, animais e coisas que se encaixam em outras classificações. E logo, as crianças ao chegarem à escola, já possuem uma categorização e classificação de tudo que há em seu mundo, consoante o que se observa:

Como vimos uma ‘palavra’ só pode ser escrita com seu classificador. Na escola, ao aprender a L2, a criança Akwẽ se vê às voltas com novas formas de classificação: a ocidental, sacramentada nas gramáticas e livros didáticos. Para tornar mais complexo esse cenário, como os Xerente Akwẽ apresentam em sua língua os inalienáveis e os alienáveis, coisas que necessitam necessariamente de um possuidor, coisas que podem ser possuídas e coisas que não podem ser possuídas, como elementos da natureza: sol, lua, estrelas, rios etc., as crianças enfrentam uma tarefa árdua. Elas não podem possuir, por exemplo, o que pertence a um animal ou planta, nem podem possuir algo que foi gerado, nascido de uma planta ou animal. Consequentemente, os pronomes possessivos do Português devem ser ensinados com muito cuidado na escola (BRAGGIO, 2015, p. 137).

Destaque também aos tratados apresentados pelo professor Francisco Edviges Albuquerque sobre os indígenas do norte do Brasil. Desta forma, em seu artigo intitulado “Índios do Tocantins: aspectos históricos e culturais”, o autor apresenta o povo Xerente como possuidor de um sistema sociocultural bastante complexo. Tais sistemas organizam-se através de um dualismo estrutural que se manifesta por uma multiplicidade de metades nos planos sociais. No caso Xerente, isto encontra expressão nos complexos rituais, grupos



cerimoniais masculinos, grupos de nomeação, classes de idade, dentre outras organizações sempre a partir de relações de parentesco (ALBUQUERQUE, 2013).

Assim, ao longo dos anos de contato com a sociedade majoritária, os Xerente vêm tentando manter-se enquanto povo minoritário, enfrentando conflitos tanto de ordem social quanto linguística, religiosa e cultural. Destaque que os conflitos na interação e as estratégias discursivas utilizadas no processo comunicativo estão ligados às dimensões sociais do falante. Para Albuquerque (2013), as estruturas linguísticas utilizadas pelos falantes caracterizam-nos em determinado grupo social, revelando nossas crenças com valores culturais e sociais determinados pelo grupo, e daí a importância dos estudos sociolinguísticos. E, por último, um relevante pesquisador sobre o povo Xerente é o professor Sinval Sousa Filho (2007), que no contato com esse povo tradicional, teve a preocupação de poder falar desse mundo Xerente para os próprios indígenas, para a academia e para um número expressivo de pessoas. E falar do mundo desse povo é falar do Akwẽ-Xerente.

### **A Metodologia da Pesquisa**

Com o objetivo geral de apresenta o objetivo geral de relacionar analisar os substantivos em Xerente (Akwẽ Mrmẽze), dada a finalidade de contribuir com a educação escolar indígena, como material didático para professores das escolas akwẽ, evidencia-se nesta seção o método explorado para a pesquisa em questão, de forma que se tenha um estudo significativo, uma vez que os procedimentos metodológicos são trajetórias e caminhos demarcados para apreender o objeto ou fenômeno investigado, a partir de pressupostos em relação aos tipos de pesquisa e as formas de gerar os dados, e posteriormente, analisá-los e descrevê-los.

### **Característica da Pesquisa: O Foco na Etnografia e no Pesquisador**

Este pesquisador é nascido na aldeia Porteira no ano de 1982. Residiu pela aldeia Cercadinho na infância, e a partir da adolescência passou a morar na aldeia Karehu, localizada 13km da cidade de Tocantínia/TO, onde constitui família e possui três filhos. O pesquisador é professor da rede estadual desde 2003, quando foi contratado, passando a ser efetivo a partir de 2008. Exerceu além da docência, o cargo de coordenador pedagógico e diretor de escola, tanto nas aldeias xerente quanto na zona urbana. Tem regência na docência atualmente na Escola Estadual Batista Professora Beatriz Rodrigues da Silva.

A característica de ser um indígena pesquisador sobre seu próprio povo e também um professor, onde sua família reside até os dias atuais, propiciou facilidades à implementação da pesquisa e a obtenção dos resultados, principalmente, quantos aos conhecimentos sociolinguísticos, por ser um falante indígena bilíngue da língua Xerente e da Língua Portuguesa, e portanto, conhecedor dos vocábulos apresentados.

Nesta perspectiva, fazer estudo dessa natureza remete às considerações de Mattos (2011), pois para ela os estudos etnográficos se preocupam preponderantemente a padrões e percepções de comportamentos manifestos na rotina diária dos sujeitos estudados. Preocupa-se ainda com os fatos e eventos menos previsíveis ou manifestados particularmente em determinado contexto interativo entre as pessoas ou grupos. Em pesquisa etnográfica, de maneira holística, observa-se os modos como esses grupos sociais ou pessoas conduzem suas vidas com o objetivo de revelar o significado cotidiano, nos quais as pessoas agem. O objetivo é documentar, monitorar e encontrar o significado da ação.

A preocupação etnográfica e descritiva justifica o desenvolver desta pesquisa, acerca da lexicografia dos substantivos em língua Xerente, pois a presente pesquisa contribui como um estudo linguístico que agrega conhecimento à educação escolar indígena ao conhecimento da língua Akwẽ, no tocante ao uso dos substantivos simples e compostos. Pois é necessário à luz da Constituição de 1988, que os povos indígenas tenham uma educação escolar bilíngue, intercultural, comunitária e diferenciada (BRASIL, 1988), em que seus conhecimentos sejam preservados e a manutenção linguística um processo possibilitado. Nesta perspectiva, sobre o uso dos substantivos simples e compostos em língua Akwẽ, a pesquisa foi realizada *in loco*, junto à referida comunidade, com o objetivo principal de promover a descrição dessas palavras e compreender o processo como ocorre a junção de vocábulos, principalmente no que diz respeito aos substantivos compostos e nomes de pessoas.

É importante destacar, com base em Albuquerque (2013), que ao priorizar os procedimentos etnográficos e da observação participante, vários aspectos linguísticos podem ser apreendidos, uma vez que foi possível investigar o fenômeno dentro da sua realidade escolar Xerente e na própria vivência cotidiana da comunidade, observando-as, mas não interferindo diretamente. Nesta perspectiva, observou-se que o nomes (substantivos), além de serem a nomenclatura das coisas, seres e pessoas (BIDERMAN, 2001), também refletem a maneira de viver no dia-a-dia desses indígenas, sua educação

escolar, transmissão dos saberes tradicionais pelos mais velhos, seu trabalho e as diferenças entre as atitudes dos Xerente de diversas faixas etárias e nos seus diversos domínios sociais ou clãs.

Considerando que a comunidade Xerente, atualmente, fala sua língua materna e o português apresenta-se nesta pesquisa como objeto de estudo, metodologicamente, somente a descrição morfológica dos substantivos com enfoque em três situações:

- 1) Exemplos de nomes compostos: configurada pelo nome composto em língua materna, o seu significado, os elementos que o compõem e sua tradução livre para a língua portuguesa;
- 2) Os nomes de pessoas: configurada pela separação entre femininos e masculinos, sendo que os primeiros aparecem juntos (PIKÕI NĪSIZE) e os segundos separados pelos clãs (KUZÂ, KBAZI, KRITO, WAHIRÊ, KROZAKE e KRÃIPREHI); Os substantivos simples de convivência do pesquisador em sua comunidade.

Metodologicamente, segundo Flick (2004), estes tipos de pesquisa apresentam um forte cunho descritivo, no qual o pesquisador não pretende intervir sobre a situação detectada, mas conhecê-la, tal como ela surge, podendo utilizar vários instrumentos e estratégias metodológicas. Entretanto, tais procedimentos não precisam ser meramente descritivos. Antes, podem ter um alcance analítico profundo, podendo interrogar a situação, confrontando-a com outras já conhecidas e/ou com as teorias existentes.

Considerando-se que a pesquisa encontra-se numa perspectiva bilíngue e intercultural, os dados coletados e analisados a partir do diário de campo, permitiu que muitas informações relevantes voltadas para os eventos de fala poderiam ser apresentadas, principalmente, no que diz respeito à forma como a língua materna e o português se entrecruzam.

## OS SUBSTANTIVOS SIMPLES E COMPOSTOS NA LÍNGUA XERENTE

### **A Língua Akwê Xerente: Breves Considerações Fonológicas Morfológicas e Lexicográficas**

Para Sousa Filho (2007), os estudos lingüísticos propriamente ditos – acerca da língua Xerente – tiveram início em 1965, época da chegada do Pastor Rinaldo Mattos, lingüista filiado ao SIL (Summer Institute of Linguistics), à aldeia Porteira. O Pastor descreveu a fonologia da língua, estabelecendo a ortografia que vem sendo utilizada na

alfabetização dos índios e na tradução da Bíblia. Além disso, também escreveu uma série de trabalhos didáticos na língua Xerente, todos não publicados (MATTOS, 1973).

Em continuidade, a partir de 2003, dois estudos sobre o nome em Xerente, a dissertação de mestrado de Kênia M. F. Siqueira, intitulada “O substantivo Xerente”, defendida em 2003 na Faculdade de Letras da UFG, de Siqueira, 2003) e o estudo “Morfologia do substantivo Xerente”, de Santos (2001), contribuíram com conhecimentos acerca da formação dos casos genitivos do sintagma nominal de forma geral e de alguns processos de derivação flexional dos nomes em Xerente.

Sousa Filho (2007) evidencia que um número considerado de estudos lingüísticos realizados nas aldeias Xerente antes de 2003 ficaram por conta de Braggio, que desde 1988 promovia pesquisas sobre a língua numa perspectiva sociolingüística e trabalhando a educação escolar Xerente. Dentre os vários estudos, destacamos os seguintes, promovidos por Braggio e anos distintos: “Contato entre línguas: subsídios para a educação escolar indígena”, “Sociedades indígenas: a escrita alfabética e o grafismo” e “A instauração da Escrita entre os Xerente: conflitos e resistências”. Também contávamos com o nosso estudo feito em 2000 (Sousa Filho, 2000). Nele tratamos da aquisição da língua portuguesa oral pela criança Xerente e retratamos, entre outros aspectos, a singularidade de um processo de aquisição do português em uma comunidade de fala bilíngue.

Por sua vez, conforme Mesquita (2009), os estudos sobre a fonética e fonologia da língua Xerente (Akwê) apresentam muitas possibilidades de análise e descrição, ou seja, não se trata de uma discussão pronta e definitiva, até porque as línguas não o são. Ao trabalhar com a fonologia da língua Xerente. Souza (2008) apresentou um inventário dos fones da língua e uma proposta para o quadro fonológico. Seu trabalho foi relacionado ao quadro fonológico descrito e apresentada por Krieger & Krieger (1994) para o Dicionário Xerente e a proposta de grafia da língua. Tal descrição parte da análise fonêmica feita por Mattos (1973) e é composta pelos seguintes fonemas consonantais e vocálicos:

- 1) **Consoantes: b, d, h, k, m, n, p, f, s, t, w, z;**
- 2) **Vogais orais: a, i, ɛ, e, i, ɔ, o, u;**
- 3) **Vogais nasais: , ê, í, õ, ù.**

No tocante à acentuação, Braggio (2005) ainda mostra como o acento em Xerente é demarcativo, e não distintivo, uma vez que é fixo na última sílaba da palavra, simples ou complexa. As considerações sobre as construções silábicas remetem aos tipos de sílabas possíveis na língua, segundo a autora, que são compostas por V, VV, VC, CV, CVC, CVV,

CCV, CCVV, CCVC, CCCV e CCCC. Esses estudos também não são conclusivos e muitos dados ainda se encontram em fase de análise.

Vale enfatizar que Sousa Filho (2007) identificou e descreveu sete classes de palavras em Xerente, a saber: nome, verbo, advérbio, pronome, posposição, conjunção e partícula. Os nomes, considerados complexos, juntamente com os verbos, são classes maiores, ou seja, possuem maior acervo na língua, enquanto as demais são menores. Assim, de uma forma mais generalizada podemos acrescentar, conforme o autor, que na base da formação das novas palavras em Xerente, observamos que trata-se de uma língua de característica basicamente aglutinante. Braggio (2005) considera como palavras complexas aquelas que apresentam mais de uma categoria gramatical adicionada ao nome ou ao verbo, ou seja, a maioria na língua Xerente, que é predominantemente aglutinante.

Na perspectiva lexicográfica, evidencia-se que o léxico é o patrimônio social da comunidade por excelência, conforme estabelece Biderman (2001), dada a relevância de uma língua para o seu povo, quando se observa que a língua desses povos vive a condição de língua minoritária frente à língua portuguesa. Conforme Silva e Albuquerque (2018), é da natureza humana categorizar e nomear os seres e os objetos que a cercam, à medida que o universo do qual é parte integrante e determinante precisa ser conhecido e estruturado. Por isso, conforme estabelecido por Neves (2010), é a partir do ato de nomear que se gera o léxico das línguas naturais, que vai se processando por meio de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência cristalizada em signos linguísticos.

As ciências do léxico, conforme Sapir (1961, p. 51), configuram-se como testemunhas de uma sociedade, devido à sua condição de ser resultante das experiências vividas e acumuladas pelas sociedades e culturas através dos tempos. Logo, é na experiência cotidiana, em meio às vivências socioculturais, que o ser humano armazena na memória novas palavras em seu acervo lexical individual (SILVA E ALBUQUERQUE, 2018). Segundo Genouvrier e Peytard (1985), na construção de processos linguísticos, a escola tem dois papéis: o primeiro é promover indivíduos comunicativamente competentes; o segundo, é contribuir para o aumento do léxico individual do estudante. Nota-se na prática, principalmente em línguas minoritárias, que o professor não tem mecanismos para favorecer esse enriquecimento lexical do aluno. Sabe-se, inclusive, que, em ato de fala, nenhum indivíduo utiliza a totalidade de seu léxico.

Quando se fala em léxico no ensino para indígenas, há de se lembrar que o contato linguístico entre comunidades indígenas e não indígenas - muitas vezes com escolas



regulares situadas próximo a aldeias - não pode deixar de produzir efeitos na formação educativa de crianças e jovens sobre o conhecimento linguístico e cultural do povo indígena (SILVA E ALBUQUERQUE, 2018). Não apenas porque se queira avigorar a contribuição do elemento indígena à cultura brasileira e ao léxico da língua portuguesa, mas, principalmente, porque o professor deve ser capaz de promover os adequados encaminhamentos, quando se trata de educação escolar bilíngue para povos minoritários (NEVES, 2008). Ao se abordar o léxico, Mesquita (2009), concatenando com as ideias de Langacker (1977), evidencia que os percursos do empréstimo lexical refletem os caminhos da influência cultural, e desta, forma, quanto maior for a influência de uma cultura sobre outra, maior será a quantidade de empréstimos adotados, consoante ao que aqui se transcreve:

Os empréstimos feitos pelas línguas minoritárias de línguas dominantes em contato, principalmente as indígenas, têm sido vistos como indícios, sinais, da desvitalização do léxico dessas línguas e, conseqüentemente, das estruturas socioculturais e políticas dos povos que as falam (BRAGGIO, 2005, p.2). A autora levanta também a possibilidade de que a entrada de itens lexicais da língua dominante acabe por provocar uma “aculturação do léxico” das línguas minoritárias. Considerando-se a língua Xerente, Braggio (2005) ressalta que os empréstimos linguísticos podem ser uma fonte de enriquecimento lexical, verificado historicamente entre as línguas.

Ainda segundo Mesquita (2009), apesar do prestígio e amplo uso do Xerente na linguagem oral, confirmamos uma situação conflitante já levantada por Braggio (2005), em que grande parte da população mais jovem declarou não entender ou ter dificuldades para entender a língua que os mais velhos falam. Logo, pode-se entender como um indício de uma mudança muito rápida na língua, que vem acontecendo de geração a geração e que, segundo Braggio (2005), é um fator apontado como negativo na vitalidade das línguas indígenas. E é justamente entre os mais jovens que temos observado uma utilização de empréstimos mais frequente. De maneira similar, é também entre os jovens que o uso das formas mais próximas à Língua Portuguesa é muito mais intenso.

### **Os substantivos na Língua Xerente**

A reflexão sobre a estrutura e o funcionamento da língua é importante e deve ter seu lugar na escola, pois permitirá ao estudante, no momento certo, desenvolver sua habilidade intelectual de produzir conhecimento. Assim, conforme Camara Jr. (2001), num

conceito semântico, o substantivo é a palavra ao qual damos nomes aos seres em geral, pois nos apoiamos na propriedade comum dos substantivos de nomear os seres.

Esta conceituação também se direciona às línguas indígenas. De acordo com Sousa Filho (2007, p. 84-85), que descreveu o nome a partir de suas características gramaticais (fonológica, morfológica, gramatical e semântica), os nomes em Xerente:

- 1) Ocorrem como formas livres;
- 2) Recebem prefixos pessoais subjetivos e prefixos relacionais;
- 3) Podem ocorrer com o formativo –nõri~ que efetua a marcação do número não-singular nos nomes;
- 4) Podem receber eventual marcação de gênero em casos específicos;
- 5) Ocorrem com sufixo derivacional –re, de diminutivo;
- 6) Recebem o marcador enfático –h•~;
- 7) Podem ocorrer como formas derivadas de itens de outras classes de palavras, como verbo, mediante o acréscimo dos sufixos nominalizadores –z( e –kwa;
- 8) Podem ser marcadas pela posposição ergativa –te ~ -t, isto é, são marcados pela categoria do caso ergativo;
- 9) Exercem funções sintáticas argumentais de núcleo do sujeito ou de um objeto direto ou indireto;
- 10) Apresentam valências 1 e 2 nos predicados genitivos em que ocorrem como núcleo;
- 11) Podem ocorrer como predicados de orações não-verbais;
- 12) Apresentam classificadores nominais, lexicalizados ou não;
- 13) Do ponto de vista semântico, representam a nomenclatura referencial da língua akwe~, sendo responsáveis pela referenciação da cf (comunidade de fala) dos xerente, operando a referenciação em grande parcela a partir de termos de classe;
- 14) E ocorrem em uma subclasse de nomes que denominamos de nomes de conceitos de propriedades (n-cp).

Ao se falar especificamente dos nomes, valem as considerações de Almeida (1999), pois existem palavras que sempre designam coisa, ser, substância. Toda a palavra que encerra essa ideia denomina-se substantivo. Substantivo é, pois, como o próprio nome está a indicar, toda a palavra que especifica substância, ou seja, coisa que possua existência, ou animada (homem, cachorro, laranjeira) ou inanimada (casa, lápis, pedra), quer real (sol,

automóvel), quer imaginária (Júpiter, sereia), quer concreta (casa), quer abstrata (pureza). É importante destacar que os nomes sempre remetem a identidade do povo que os utilizam e, portanto, nas subseções que seguem serão observados esses detalhes identitários xerente.

### Substantivos Simples em Xerente

De maneira similar à Língua Portuguesa, também na língua Xerente, os substantivos simples são aqueles que um radical pode ter mais do que uma sílaba. Além disso, sabemos da importância que o aspecto formal tem para a identificação das palavras, tendo em vista ser a forma da palavra com que, primeiramente, o aprendiz se depara. A relação descrita no quadro 3, que segue, evidenciará melhor alguns substantivos simples do cotidiano Xerente:

**Quadro 3 – Substantivos simples na ortografia Xerente**

bâ – urucum	danse – ombro
bdâ – deus, dia, sol	dantô - derradeiro, fim, último
dabdu – pescoço	dapa – fígado
bru – roça	dapkê - coração
dakrã – cabeça	pku – lagoa ,lago
dba – jovem que não é mais virgem	ponê - veado
du – capim	dapra – pé , rasto
dahâ – casca, pele	ra – sambaíba ( árvore )
hâ – curiango	ro – coisa, coisas
hdâ - pedra (usada para fazer sangria)	ro – chapada
hu – neblina	sbi – aranha
kâ – água	sbo – cofo (uso em cerimônia funeral)
kbu – mosca	se – martim-pescador (pássaro)
kdâ – anta	si – ave
kê – mel	dakrê – nariz
kmô – chifre	srã – colina, morro
knê - pedra	dasri – rim
knĩ – lança	ssu – folha de buriti
krda – arara vermelha	dasu – pêlo
krdi – gafanhoto de asa vermelha	tã – chuva, inverno
kdo – cigarra (espécie noturno)	tbê – peixe
krê - periquito	datê – canela (osso)
kri – casa	ti – carrapato
kro – macaco	ti – flecha
kru – rato	tka – araponga, ferreiro (pássaro)
ku – chifre	tka – chão, terra
ku – guará	tki – flecha
mã – ema	wa – papagaio
mmĩ – lenha	wa – lua
damnã – cauda, rabo	wda – bico
mrã – fome	wdê – árvore, madeira
mrã – floresta, mato	wre – anu (pássaro)

mrõ – fava-de-coceira	zâ – chocalho, maracá
danĩ – carne	zâ – jibóia
nrõ – coco	

**Fonte:** KRIEGER, W. B. e KRIEGER, G. C. Dicionário escolar: Xerente-Português-Xerente 1994.

Na análise dos substantivos do quadro 3, pode-se afirmar que as palavras da língua Xerente, ou seja, o seu léxico está impregnado de significações únicas, e de tal forma ligadas à sua identidade sociocultural, e que somente o seu povo pode percebê-las de forma aprofundada, e mesmo na construção de um único radical, sempre terá uma tradução falha ou incompleta. Os nossos nomes é a nossa identidade porque cada clãs tem o seus nomes específico. Por exemplo, o nome Srêmtôwẽ ele só pode ser colocado nas pessoas que se pintam de círculo, não se pode colocar esse nome na pessoa que se pinta de listra.

400

### Substantivos Compostos em Xerente

A importância do aspecto semântico para explicar ou descrever ocorrências da língua não deve ser ignorada, isso se confirma no uso dos substantivos compostos, pois não se trata apenas de uma palavra com mais de um radical, passa a ser um novo substantivo com nova identidade e nova significação, que muitas vezes em nada remete aos nomes separadamente (ROCHA e MESCKA, 2012). Castilho e Elias (2012) sugerem que é relevante estudar os substantivos com base em suas características de “produção de sentidos”, uma vez que, uma das propriedades básicas dos substantivos é a de referenciar, designar algum referente: alguma coisa ou pessoa.

De fato, como expressam os autores, em nossa tradição gramatical e linguística, o termo referência se especializou para indicar ‘designação, denominação’ de seres e coisas. Nesta perspectiva, Basilio (2010) destaca que composição de palavras é um tipo de formação que utiliza processos sintáticos com objetivos lexicais, conforme mencionado anteriormente, de forma que os radicais que o compõem colaboram para o conhecimento semântico dos nomes compostos.

Por conseguinte, a relação descrita no quadro 4, que segue, evidenciará melhor alguns substantivos compostos do cotidiano Xerente:

**Quadro 4 – Substantivos Compostos**

Nome composto	Significado	Composição	Tradução livre
Tpêbâ	‘arraia’	{tpê} ‘peixe’ + {-bâ} ‘rabo, ferrão traseiro	peixe de
ktâku	‘gado vacuum’	{kdâ} ‘anta’+ {-ku}	anta de chifre

**Valteir TPÊKRU XERENTE; Francisco Edviges ALBUQUERQUE. Os Substantivos em Akwê Mrmêze: Uma Proposta Lexicográfica na Perspectiva da Identidade Xerente. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2021. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: [jnt@faculdefacit.edu.br](mailto:jnt@faculdefacit.edu.br). 2021. Dezembro. Dossiê Temático: Educação Indígena. Ed. 32. V. 1. Págs. 375-417.**

		‘chifre’	
siwtapre	‘sanhaço-de-fogo’	{si} ‘pássaro’ + {wta} ‘bico’ + {pre} ‘vermelho’	pássaro do bico vermelho
tpêkrâipo	‘surubim’	{tpê} ‘peixe’ + {krâi} ‘cabeça’ + {po} ‘largo, achatado’	peixe da cabeça chata
tpêkatopre	‘piaba dos olhos vermelhos’	{tpê} ‘peixe’ + {ka} ‘novo, tenro’ + {to} ‘olho’ + {pre} ‘vermelho’	peixe novo dos olhos vermelhos
wdêkrâikuze	‘laranja’	{wdê} ‘árvore’ + {krâi} ‘fruta’ + {kuze} ‘cheiro forte’	fruta d’árvore de cheiro forte
krkowasterê	‘sagui’	{krko} ‘macaco’ + {waste} ‘inferior, falso’ + {rê} ‘diminutivo classificador’	macaco falso pequeno
wîkiwasterê	‘codorna’	{wîki} ‘perdiz’ + {waste} ‘inferior’ + {rê} ‘diminutivo classificador’	perdiz falsa pequena
tpêhâirêwawê	‘piabanha’	{tpê} ‘peixe’ + {-hâi} ‘couro, pele’ + {rê} ‘diminutivo classificador’ + {wawê} ‘grande’	peixe grande de pele fina
Sumzarnpokrporê	‘jumento’	{sumzar} ‘cavalo’ + {npokr} ‘orelha’ + {po} ‘largo’ + {rê} ‘diminutivo classificador’	cavalo pequeno da orelha larga
Sidurkwaitoprerê	‘espécie de gavião’	{si} ‘ave’ + {dur} ‘levar’ + {kwai} ‘instrumental animado’ + {-to} ‘olho’ + {pre} ‘vermelho’ + {rê} ‘diminutivo classificador’	pássaro pequeno de olhos vermelhos carregador de coisas
Kumdinmînnâpari	‘batata-de-purga’	{kumdi} ‘batata doce’ + {nmî} ‘possessão de qualidade’ + {nnâpari} ‘diarreia’	batata doce causadora de diarreia
siwtakrturêkrâiprerê	‘pardal’	{si} ‘pássaro, ave’ + {wta} ‘bico’ + {krturê} ‘curto’ + {krâi} ‘cabeça’ + {pre} ‘vermelho’ + {rê} ‘diminutivo classificador’	pássaro pequeno do bico pequeno da cabeça vermelha
sânmwawê wdêkturê	‘barba-timão’	{sânmwawê} ‘faveiro, fava-d’anta’ + {wdê} ‘pau, árvore’ +	faveiro da árvore baixa
{krturê} ‘pequeno, curto, baixo’			
arbopahi	guarda chuva	{arbo} morcega + {pahi} asa	asa de morcega
waikwapre	pacu vermelha	{wa} clara + {i} VL + {kwa} dente + {pre} vermelha	pacu clara de dente vermelha
aiktepre	recém nascido	{aikte} criança	criança vermelha



		+ {pre} vermelha	
wdêkrukrã	Melancia	{wdê} árvore + {kru} rama + {krã} fruto	fruto da árvore em rama
kâpre	Enxurrada	{kâ} água + {pre} vermelha	água vermelha
wapsãwara	Raposa	{wapsã} cachorro + {wara} pêludo	cachorro pêludo
wdêkrãipre	Cajá	{wdê} árvore + {krã} fruta + {i} VL + {pre} vermelha	árvore da fruta vermelha
tpêwtahi	peixe bicudo	{tpê} peixe + {wta} bico + {hi} fino, osso	peixe de bico fino
Hikrãiti	Joelho	{hi} osso + {krã} cabeça + {i} VL + {ti} PRED	

Fonte: Mattos (1981).

Na análise dos substantivos compostos do Quadro 4, evidencia-se que a conceituação sobre palavra é importante quando se trata de substantivos compostos. Por outro lado, a necessidade de analisar o conceito de palavra pelo viés da semântica se torna indispensável, uma vez que esse aspecto da linguagem refina as informações dos níveis fonológico e morfossintático para assegurar ao termo o status de estrutura lingüística como palavra no vernáculo, pois os nomes simples, quando se estruturam em substantivos compostos remetem a uma nova significação ou situação.

Para Biderman (1999), um nome composto só se considera como tal a partir do momento em que há a junção de dois nomes simples para um único referente. Isso envolve o aspecto fonológico porque cada nome simples apresenta apenas uma pauta acentual no processo de composição por justaposição; diferentemente do nome composto por aglutinação, que comporta apenas um acento o qual incide sobre o segundo nome, conforme se observou nos nomes listados em língua Xerente.

### Antropônimos Xerente Separados por Clãs

Nos pressupostos de Dick (1992), o estudo da antroponímia exerce o papel de apropriados registros do cotidiano, revelado em atitudes e posturas sociais, específicas a determinados grupos humanos, pois os nomes das pessoas – antropônimos – remetem desde questões sentimentais até as mais imensuráveis e complexas concepções sociológicas, culturais, religiosas, lingüísticas, dentre outras. Com essa prerrogativa, o léxico antroponímico passa a ser compreendido como um indicador línguocultural, no

qual a língua retrata a visão de mundo de um povo e evidencia a interrelação que se estabelece entre o linguístico e o mundo biossocial.

Nesta perspectiva, seguem no quadro 5, os nomes de pessoas relacionados pelo pesquisador:

**Quadro 5 – Antropônimos separados por clãs**

KUZÂ SNĪ AMBÂ NŌRAI SISIZE = NOME MASCULINO DO CLÃ KUZÂ	
Ainãhrâ	ainã + sua tia + hrâ grito = grito de sua tia
Bruwê	bru + roça + wê/bonita = roça bonita
Dabâzârkwa	dabâ + cauda + zârkwa / cortador = cortador de cauda
Dakawapsikwa	daka + costa de pessoa + wapsikwa / machucador de costa
Damsôkêkwa	dam +terceira pessoa não sing.+ sôkê + trilhar + kwa + nominalizador aquele que faz trilha para os outros.
Dapibuikwa	da + pron.3º pess. sing + pibu + aquele que visit os outros + i VL +kwa = Nominalizador.
Dawakreikwa	da + pron. 3º pess. sing.+ wakre + furar + i + VL + kwa = nominalizador
Hkâwê	hkâ + aquele que ajunta + wê = boas, bonita
Hmôwê	hmô+lugar limpa + wê + boa, bonita.
Krâirdu	krâ + cabeça + ĩ + VL+rdu+áspero
Krunômrĭ	kru+ rato + nômrĭ + colocar em posição horizontal
Ktêmrâ	ktê + pedra + mrâ + pegar/dual.
Kumnâse	kumnâ + desconfiança + se + martim pescador = martim pescador desconfiado
Pizumêkwa	pizu+buriti +mêkwa+aquele que lança, ou seja, lançador
Rbemêkwa	rbe + mirindiba + mêkwa + aquele que lança ou seja, lançador
Romkre	rom +coisa + kre + seca = coisa seca
Romprê	rom + coisa + prê + pesada = coisa pesada
Rowakro	ro + coisa + wakro + quente = coisa quente
Shârrâ	shâr + cortar + râ + branco = cortada branca
Simnâ	si+ pássaro + mnâ+ cauda, rabo
Simnâkru	si+pássaro + mnâ +cauda + kru + ramo
Sinâ	si + pássaro + nâ + com = pássaro-POSP
Sirnâwê	sirnâ + flor + wê + bonita = flor bonita
Sirowasde	si + pássaro + rowasde + sujeira, mata = pássaro da mata
Siwarrĭru	si + pássaro + warrĭru + penteado mal feito = pássaro mal penteado
Sizdakra	si + pássaro+ zdakra + bico preto = pássaro bico preto
Smĭsuite	smĭ + indicação de qualidade +su + folha+ i + VL + te + novo-ERG = N.Pes-ERG
Smĭwaibu	smĭ+ indicação de qualidade +waibu + que ajunta, escolher, selecionar
Sôwarê	sôwa + peito + rê + DIM = aquele que é peitudo
Srêmtôwê	srêm + pássaro + tôwê - agradável = pássaro agradável
Srênômrĭ	srê + pássaro + nômrĭ - colocar em posição horizontal, pôr em (dual)
Srêwasa	srê + pássaro + wasa – jandaia = pássaro jandaia
Srêzasu	srê + pássaro +zasu + perna peludo = pássaro perna peludo
Suprawêkô	supra + areia + wêkô + inaceitável, feio = areia não bonita
Tâibâ	tâ + chuva + ĩ VL + bâ + cauda = cauda de chuva
Wakrowa	wakro + patĭ (árvore) + wa + clarear = patĭ clareado

<b>KBAZI SNĪ AMBĀ NŌRAI SISIZE = NOME MASCULINO DO CLĀ KBAZI</b>	
Dbatêkrdu	dba + não virgem + têkrdu + perna grossa = não virgem perna grossa
Kasuwamrĩ	kasu + palha + wamrĩ + pequena = palha pequena
Kbazdimêkwa	kbazdi + algodão + mēkwa + lançador = lançador de algodão
Krēwanĩsu	
Krkoz dabu	krko + macaco + zdabu + barba = barba de macaco
Krtitmōwē	krti + gafanhoto + tmō + olho + wē + bonita = gafanhoto do olho bonito
Kuhânĩpi	kuhâ + porco queixada + nĩpi + trabalhar = porco queixada trabalhador
Nrōrēmēkwa	nrōrê + coquinho + mēkwa + lançador = lançador de coquinho
Panhâ	pa + fígado + nhâ + cortar = cortador de fígado
Pnĩrê	pnĩ + mel + rê + DIM = melzinho
Prerde	nome sem tradução
Sakruĩkawē	sakru + local + ĩ + VL + ka + branca + wē + bonita = lugar branca muito bonito
Samrĩ	nome sem tradução
Sêikō	sê + doce + ĩ + VL + kō + sem, não = sem gosto
Sikmōwē	sikmō + gavião + wē + bonita = gavião bonito
Sissâpte	nome sem tradução
Smĩwaĩbu	smĩ + indicação de qualidade + waibu + que ajunta, escolher, catar.
Sōhêkō = Sōwêkō	sō + peito + wêkō + não bonito = peito não agradável
Srêkupari	srê + pássaro + kupari - apoiar, apoiado = pássaro apoiado
Sromnê	sromnê + coisa existente
Ssâpte	nome sem tradução
Tpēmēkwa	tpê + peixe + mēkwa + lançador = lançador de peixe
Wakmōpte	wa + eu + kmō + chifre + pte + amarelo = pessoa de chifre amarelo
<b>KRITO SNĪ AMBĀ NŌRAI SISIZE = NOME MASCULINO DO CLĀ KRITO</b>	
Dakawazrêkwa	daka + costa + wazrêkwa + aquele que tira a pessoa de um lugar para outro = Pessoa que gosta de levar multidão consigo.
Dapazârkwa	dapazâ + vesícula + r + CL + kwa = NMZ
Dbakro	dba + que não é virgem + kro + macaco = macaco não virgem
Dbanĩnãrĩ	dba + que não é virgem + nĩnãrĩ + que pergunta
Dbazakrsêkō	dba + que não é virgem + zakrsêkō + que não é querido
Kmōmse	kmō + chifre + CL + se + martim pescador = chifre do martim pescador
Kmōwamrĩ	kmō + chifre + wamrĩ + pequena = chifre pequena
Krtitêmkê	krti + gafanhoto + tê + perna + m + CL + kê + mel = gafanhoto perna de mel
Kruze	kru + rato + ze + mijo = mijo de rato
Ktēmēkwa	ktê + pedra + mēkwa + lançador = lançador de pedra
Kukawnōmrê	kukaw + cabaça + nōmrê + DIM = cabacinho dado
Kupkrtãmēkwa	kupkrtã + taboca + mēkwa + lançador = lançador de taboca
Kurbepete	kurbe + caverna + pte + amarelo = caverna amarela
Pasiku	pa + comprido + siku + gavião = gavião comprido
Pawimēkwa	pawi + cachimbo + mēkwa + lançador = lançador de cachimbo
Prase	pra + pé + se + martim pescador = pé de martim pescador
Rkopê	rko + fazer fogo + pê + boa, bom = boa para fazer fogo
Sakruiwē	sakru + lugar + i + VL + wē + bonita = lugar bonita, aldeia bonita

Sapakō	sapka + querer + kō + sem, não = sem querer
Sawrekmōzê	sawre + gigante + kmō + chifre + zê + doce
Sêikō	sê + doce + î + VL + kō + sem, não = sem gosto
Sidakrã	si + pássaro + dakrã + cabeça = cabeça de pássaro
Sikuwakârkwã	siku + gavião + wakârkwã + pegador = gavião pegador
Sipahimêkwã	si + pássaro + pahi + asa + mêkwã = lançador de asa de pássaro
Srêkbukrã	srê + pássaro + kbukrã + cara preta = pássaro da cara preta
Wahênnê = Wahinnê	wahi + talo + n + CL + nê + como, semelhante a = semelhante a talo.
Waikairê	wa + papagaio + i VL + ka + verde + i + VL + rê + DIM = papagaizinho verde
Wakrãwi	wakrã + moreno + wi + chegar = moreno chegou
Wakuke	wa + papagaio + kuke + pintado = papagaio pintado
Wasde	nome sem tradução
Wassurê	wa + papagaio + ssu + peludo + rê + DIM = papagaio peludinho
Wawêmrã	wawê + velho, ancião + mrã + mato = mato velho
Wazapa	wa + 1ª. pess. com partícula de tempo/aspecto za indicando ação futura + pa + apagar = Vou apagar
Wrewê	wre + anu (pássaro) + wê + bonito - NMZ = pássaro bonito
<b>WAHIRÊ SNĪ AMBĀ NŌRAI SISIZE = NOME MASCULINO DO CLĀ WAHIRÊ</b>	
Ainãkre	ainã + sua tia + kre + tia seca, magra
Ainãsiwê	ainã + sua tia + si + pássaro + i + VL + wê + bonita
Ainãto	ainã + sua tia + to + alegre, feliz = sua tia alegre
Amnnê	Sem tradução
Azãwê	azã + coruja + wê + bonita = coruja bonita
Dakmãnãrkwã	Criador de ser humano
Krumsa	kru + rato + m + CL + sa + roedor = rato roedor
Kuiromêkwã	kuiro + borduna + mêkwã - NMZ = lançador de borduna
Kumnkawê	nome sem tradução
Kwatêpomêkwã	kwatêpo + embira + mêkwã - NMZ = lançador de embira
Mãkrãwêkō	mãkrã + noite + wêkō + rejeitar = noite rejeitado
Mmĩrkopte	mmĩrko + candeia (árvore) + pte + amarelo = candeia amarelo
Pikōiwakã	pikō + mulher + i + VL + wakã + preguiça = mulher preguiçosa
Prordo	prordo + coruja
Rkopê	rko + fazer fogo + pê + boa, bom = boa para fazer fogo
Romkrã	rom + coisas + krã + cabeça, fruta = cabeça de fruta
Sahêmbaikō	nome sem tradução
Saipisi	sa + comer + i + VL + pisi + único, de vez enquanto = comer de vez enquanto
Saparzuze	nome sem tradução
Sapurê	saptu + forte + rê - NMZ = fortinho
Simnãwê	simnã + enciumar + wê - bonita - NMZ = enciumar bonita
Simrãmĩ	si + pássaro + mrãmĩ + pegar / dual
Sipkuze	si + pássaro + pkuze + furadeira = pássaro furadeira
Siprã	aquela pessoa que é desorganizada
Sitmōru	si + pássaro + tmōru + caolho = pássaro caolho
Sitommê	si + pássaro + to + olho + m + VL + nê + semelhante a = pássaro semelhante a olho
Siwêpisdu	si + pássaro + wê + bonita + pisdu + único = único pássaro bonita
Sizapi	nome sem tradução
Sizdazê	si + pássaro + zdazê + cheiroso + pássaro cheiroso
Skrawê	skra + galho + wê - NMZ = galho bonito

Smîrêzanê	smîrê + a direita + za + pta. + nê + como, semelhante a
Sôpre	sô + peito + pre + amarelo = peito amarelo
Spîiprâ	spi + trabalho + î + VL + prâ + irresponsável = trabalhador irresponsável
Srêkbupre	srê + pássaro + kbupre + cara amarelo = pássaro da cara vermelha
Srêkrurmê	srê + pássaro + kru + ramo + rmê + abandonar = pássaro de ramo abandonado
Srêmse	srê + pássaro + m + CL + se + martim pescador = pássaro martim pescador
Srêpawê	srê + pássaro + pa + comprida + wê - NMZ = pássaro comprida bonita
Srêwakmôwê	srê + pássaro + wa + clara + kmô + chifre + wê - NMZ = pássaro clara de chifre bonita
Suzawre	su + peludo + zawre + grande = peludão
Waïkarnâse	sem tradução
Waïkazdaite	nome sem tradução
Wairokrâ	wa + eu + i + VL + ro + coisa + krâ + cabeça
Wakrêro	wa + eu + krêro + papagaio corneta = sou papagaio corneta
Wdêkruwê	wdê + árvore + kru + ramo + wê + bonita = árvore de ramo bonito
<b>KROZAKE SNĪ AMBĀ NŌRAI SISIZE = NOME MASCULINO DO CLĀ KROZAKE</b>	
Dakburôikwa	dakburô + aquele que ajunta + î + VL + kwa - NMZ
Darêrkêkwa	darêrkê + aquele que derruba + kwa - NMZ
Dasarkwa	dasar + aquele que puxa + kwa - NMZ
Dawapsikwa	dawapsi + aquele que machuca + kwa - NMZ
Dbarã	dba + não virgem + rã + branca = rapariga branca
Dbazanô	dba + não virgem + zanô + deitar/ dual
Dbaze	dba + não virgem + ze + mijo = mijo de rapariga
Hêspomêkwa	hêspo + banana + mêkwa - NMZ = lançador de banana
Kasumrã	kasu + palha de coco + mrã + mata = palha de coco da mata
Kazamrî	nome sem tradução
Kmôrê	kmô + chifre + rê - DIM = chifre pequeno
Krânîpi	krâ + cabeça + nîpi + trabalho = aquele que trabalha com a cabeça
Krârâte	krâ + cabeça + rã + branca + te + nova = cabeça branca nova
Ktâpomêkwa	ktâpo + enxada + mêkwa - NMZ = lançador da enxada
Kukrêkâ	kukrê + cabaça + kâ + água = cabaça de água
Kwanhâ	kwa + dente + nhâ + cortar = cortar dente
Mrâzdanârî	mrã + mata + zdanârî + perguntar = perguntar a mata
Rowasde	ro + coisa + wasde + sujeira + coisa suja
Saparzanê	nome sem tradução
Sikrbowê	sikrbo + penugem + wê - NMZ = penugem bonita
Simrîhu	nome sem tradução
Simrîpte	nome sem tradução
Sinârî	sinârî + indagar - NMZ
Sinômrî	si + pássaro + colocar na posição horizontal
Sipîiprâ	sipi + trabalho + î + VL + prâ + irresponsável = trabalhador irresponsável
Siwakru	si + pássaro + wa + papagaio + kru + rato
Sôka	sô + peito + ka + branco = peito branco
Srêkruzanê	srê + pássaro + kru + ramo + za - pta. para indicar ações a se realizarem no futuro + nê - semelhante a
Srênôku	srê + pássaro + nôku NMZ = líquido de pássaro
Srêzê	srê + pássaro + zê + doce = pássaro de doce
Suzawre	su + peludo + zawre + grande, gigante = gigante peludo
Wabuwa	wabu + talo de buriti + wa - pron. 1ª. pess. dual = eu sou

	talo de buriti
Wabuzakrã	wabu + talo de buriti + zakrã – preta = talo de buriti preto
Waĩkainẽ	wa + papagaio + ã + VL + kainẽ + como você = sou parecido como papagaio
Wairurã	wa + eu i + VL + ru + torto + rã – banca = sou torto e branco
Waka	wa + papagaio + ka - verde = papagaio verde
Wakõmẽkwa	wakõ + quati + mẽkwa – NMZ = lançador de quati
Wakukepre	wa + papagaio + kuke + pintado, listrado + pre – amarelo = papagaio listrado vermelho
Wawẽkrurê	wawẽ + velho + kru + rato + rê – DIM = ratinho velho
Wazakru	wa + lua + zakru = halo da lua
Wazase	wa + lua + zase – canto = canto da lua
<b>KRAIPREHI SNĪ AMBĀ NĪRAI SISIZE = NOME MASCULINO DO CLĀ KRĀIPREHI</b>	
Amkã	amkã = gigante
Amnẽ	nome sem tradução
Hêsukamẽkwa	hêsuka + folha branca + mẽkwa – NMZ = lançador de folha branca
Hmõpre	hmõ + limpeza + pre – vermelho = limpeza vermelho
Kanõsẽ	ka + verde, branca + nõsẽ - NMZ
Kmõhizanẽ	kmõ + chifre + hi + osso + zanẽ - NMZ
Krãssãpte	nome sem tradução
Kunre	nome sem tradução
Kunrẽ	nome sem tradução
Kupsinã	kupsi + cobertura + nã – pfp – com = com cobertura
Kupte	ku + chifre + pte + amarelo = chifre amarelo
Prakumse	pra + pé + kumse + ferida = ferida no pé
Romtêpre	rom + coisa + tê + perna, canela + pre – vermelho = coisa da perna amarelo
Samãru = Samũru	nome sem tradução
Sawrepte	sawre + gigante + pte – amarelo = gigante amarelo
Sõzẽ	sõ + peito + zẽ – doce = peito doce
Srênõkrã	srẽ + pássaro + nõkrã – preto = peito preto
Srẽwẽ	srẽ + pássaro + wẽ _ NMZ = pássaro bonito
Sukẽ	su + pêlo + kẽ - quebrar = pêlo quebrado
Waĩkakbupre	wa + papagaio + ã + VL + kbupre – cara vermelha = papagaio da cara vermelha
<b>PIKĪ NĪSIZE – NOME FEMININO DO POVO AKWĒ XERENTE</b>	
Aptudi	abtu + abelha + di - NMZ
Arbodi	arbo + morcega + di - NMZ
Asakredi	asakre + marimbondo-tatu + di - NMZ
Asatedi	asate + marimbondo vermelha + di - NMZ
Azãdi	azã + coruja + di – NMZ
Bruđi	bru + roça + di – NMZ
Brunsiđi	brunsi + mocó + di - NMZ
Brupahiki	brupahi + andorinha + ki - NMZ
Brutudi	brutu + pau brasil + di - NMZ
Duiti	dui + capim + ti – NMZ
Hêsmrĩkwadi	nome sem tradução
Hirẽki	hirẽ + fina + ki – NMZ
Hmõđi	hmõ + limpeza + di - NMZ
Kakkmẽkudi	nome sem tradução
Kêti	kê + mel + ti – NMZ
Kêtwawẽ	kê + mel + t+ CL + wawẽ = mel velho
Krattudi	krattu + galinha d'água + di - NMZ
Krawadi	krawa + paca + di - NMZ
Krẽđi	krẽ + periquito + di - NMZ
Krẽnkẽđi	krẽ + periquito + n + CL + kẽ + quebrado + di - NMZ



Krētidi	krēti + saúva + di - NMZ
Krēttêrēdi	krē + periquito + ttêrê - DIM
Krikpidi	krikpi + grilo + di - NMZ
Krkodi	krko + macaco + di - NMZ
Krtadi	krta + arara vermelha + di - NMZ
Krtidi	krti + gafanhoto + di - NMZ
Krtipre	krti + gafanhoto + pre - vermelha
Krukwanê	kru + rato + kwa + dente + nê - conj. com
Ktâkuptidi	ktâku + vaca + p + CL + tidi - NMZ
Kubadi	kuba + barco + di - NMZ
Kudi	ku + lobo guará + di - NMZ
Kukãdi	kukã + tartaruga + di - NMZ
Kukawdi	kukaw + cuia + di - NMZ
Kukedi	kuke + pintado, listrado + di - NMZ
Kukrêdi	kukrê + cabaça + di - NMZ
Kupãrdi	kupãr + abano + di - NMZ
Kupkrtãdi	kupkrtã + taboca + di - NMZ
Kupredi	ku + lobo guará + pre + vermelha + di - NMZ
Kuzadi	kuza + onça parda + di - NMZ
Kuzêidi	nome sem tradução
Kwapredi	kwa + dente + pre + vermelha + di - NMZ
Mhōdi	nome sem tradução
Mrãitidi	mrã + mata + ã + VL + tidi - NMZ
Mrörtōdi	mrörtō + solteira + di - NMZ
Nãmnãdi	nãmnã + pega (pássaro) + di - NMZ
Nêpreê	nêpre + sangue de boi (rolinha) + rê - DIM
Pikumdi	piku + abelha chupé + m + CL + di - NMZ
Pirkodi	pirko + borboleta + di - NMZ
Pizadi	piza + panela + di - NMZ
Popradi	popra + pé de veado + di - NMZ
Predi	pre + vermelha + di - NMZ
Sdupudi	sdupu + pica pau + di - NMZ
Sekwahidi	sekwahi + cambito + di - NMZ
Sibãdi	sibã + cauda de pássaro + di - NMZ
Sibakadi	sibaka + garça + di - NMZ
Sidi	si + pássaro + di - NMZ
Sikadi	sika + galinha + di - NMZ
Sikuptidi	sikupti + gavião + di - NMZ
Sikwatkadi	si + pássaro + kwa + dente + tka + terra + di - NMZ
Simnãitēdi	simnã + ciúme + ã + VL + te + novo + di - NMZ
Sinōkrzakadi	sinōkrzaka + papa mel + di - NMZ
Sinōskēdi	sinōskē + tetéu + di - NMZ
Sipredi	sipre + pássaro vermelho + di - NMZ
Sipriki	sipri + abelha tubi mansa + ki - NMZ
Sirtudi	sirtu + pássaro + di - NMZ
Skrãzasedi	skrãzase + escorpião + di - NMZ
Smĩkadi	smĩka + cinza + di - NMZ
Smĩkidi	smĩki + corujão + di - NMZ
Ssuiti	ssu + folha de buriti + i + VL + ti - NMZ
Stukrãipredi	stukrãipre + pica pau da cabeça vermelha + di - NMZ
Tkadi	tka + terra + di - NMZ
Tkazãpti	tka + terra + zãp + semente + ti - NMZ
Tkidi	tki + flecha + di - NMZ
Tokidi	toki + pássaro preto + di - NMZ
Tpêdi	tpê + peixe + di - NMZ
Waikwadi	waikwa + pacu + di - NMZ
Waitidi	waiti + papagaio + di - NMZ

Wakedi	wa + lua + ke + cortada + di - NMZ
Wakepre	wa + lua + ke + cortado + pre vermelha
Wakōdi	wakō + quati + di - NMZ
Wakrârê	wakrârê + moreninha
Wakrtadi	wakrta + pente + di - NMZ
Wakrtidi	wakrti + siriema + di - NMZ
Wareti	ware + buritirana + ti - NMZ
Warīdi	warī + fumo + di - NMZ
Wasidi	wasi + estrela + di - NMZ
Wikidi	wīki + perdiz + di - NMZ
Wredi	wre + anu (pássaro) + di - NMZ
Zârêki	zâ + corujão + rê +DIM + ki - NMZ

**Fonte:** SINÃ, VALCI XERENTE. Akwê Xerente Nîsizem re hã Hêsuka (2011).

A análise do Quadro 5, segundo Santos (2010), nos faz lembrar que o processo de formação identitária da criança começa a acontecer no convívio com outras pessoas, com quem interage. No ambiente familiar, ela tem as primeiras matrizes de socialização. Depois, ao participar de outros espaços sociais, como festas, igrejas, clubes e feiras – no caso da criança não indígena – e da participação em festas, rituais, mata, rios, veredas e estradas – no caso da criança indígena – os elementos apreendidos resultam numa diversidade étnica e cultural. Assim, nota-se que a identidade faz parte de cada indivíduo, ela diferencia as pessoas, começando pelo nome. E, mesmo existindo várias pessoas com nomes iguais, o nome é único para cada indivíduo que o detém. As diferenças, portanto, estão nas características físicas, no modo de agir, de pensar, e, principalmente, na história pessoal de cada um.

Um nome composto só se considera como tal a partir do momento em que há a junção de dois nomes simples para um único referente. Isso envolve o aspecto fonológico porque cada nome simples apresenta apenas uma pauta acentual no processo de composição por justaposição; diferentemente do nome composto por aglutinação, que comporta apenas um acento o qual incide sobre o segundo nome, conforme se observou nos nomes listados em língua Xerente. Segundo Silva e Albuquerque (2018), a apropriação dos antropônimos facilita a construção da identidade individual do estudante indígena, pois o nome próprio é carregado de simbolismos, que, intencionais ou aleatórios, homenageiam e perpetuam o indivíduo. Daí o fato de ser comum entre os indígenas, encontrarmos nomes próprios com significados profundos e ligados a sentimentos (alma, vida, alegria, felicidade e elementos da natureza).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa nos levou às considerações finais sobre a relação entre nome e identidade de um povo, e desta forma, o estudo da grafia dos substantivos em Xerente (Akwê Mrmêze), contribuíram com a educação escolar indígena, como material didático para professores das escolas akwê, considerando-se a perspectiva lexicográfica apresentada.

Apreendeu-se ainda que a partir do conhecimento do léxico da língua Akwê, do Troco Macro-jê, foi possível observar os aspectos sociolinguísticos do povo, bem como da importância da formação de professores para a educação escolar indígena, que precisa ser promotora de manutenção da língua materna. Por outro, lado foi possível investigar e documentar a língua Xerente fornecendo a tradução para a língua portuguesa.

Nesta perspectiva, é conclusivo afirmar que o povo Xerente mantém viva a cultura e o processo de construção permanente da autonomia e alteridade de sua etnia, desde os seus antepassados às presentes gerações, por meio dos distintos saberes e fazeres culturais, transmitidos e ensinados na oralidade que se manifesta, dentro de certas perspectivas do saber fazer na prática, consoante ao que foi descrito no capítulo II, com a metodologia com foco na etnografia e no pesquisador, que tem feito sua trajetória enquanto indígena, cidadão e educador.

Concluiu-se também que a educação escolar indígena do referido povo possui um grande número de estudantes proporcional à sua população, destaque, porém que é sempre relevante que os professores passem por uma formação numa perspectiva transdisciplinar. Apreendeu-se que na contemporaneidade emergem nas discussões a urgência de inovações nas ações dos professores para os novos paradigmas educacionais, em que estes pretendam rever a finalidade do ensino, da formação humana, e construir um fazer docente, com concepções, processos e estratégias complexas e transdisciplinares.

Observou-se também que a educação escolar indígena passou por melhorias a partir do momento em que se iniciaram os movimentos não só em prol da adoção da língua indígena materna na escola, mas também da interculturalidade e da formação dos professores. Especificamente quanto ao glossário e às concepções lexicográfica, observou-se, de acordo com perspectivas etnográficas expostas, que as realizações lexicais, sobretudo aquelas relativas a atividades sociais, muito têm a contribuir para a compreensão da cultura de um povo, como forma de construção da identidade e manutenção linguística.

Biderman (2001) corroborou com a afirmação do léxico se constituir como um patrimônio histórico, social e cultural das sociedades. Ao se considerar a dimensão social da língua, o léxico atua como patrimônio social da comunidade, complementado por outros símbolos da herança cultural. Pode-se afirmar que essa riqueza léxica é transmitida de geração para geração, por meio da qual os indivíduos de cada geração podem pensar e exprimir suas emoções e pensamentos, que se iniciou, prioritariamente, com o simples ato de nomear as coisas ao redor de cada indivíduo, como se observa nas listas de nomes presentes no glossário.

No que diz respeito aos substantivos em Xerente, observou-se que cada nome próprio possui um ‘cântico de nomeação’ (danõkrê danisize wam hã), uma espécie de “registro de identidade” do nome recebido.

Outro ponto relevante está no fato da escolha dos nomes e a permissão ou não de sua utilização são determinados pelos clãs. Inclusive é muito comum entre os indígenas, encontrarmos nomes próprios com significados profundos e ligados a sentimentos (alma, vida, alegria, felicidade e elementos da natureza). Por último, seja um substantivo simples ou composto em língua Xerente, detectou-se que é relevante estudar os substantivos com base em suas características de “produção de sentidos”, uma vez que, uma das propriedades básicas dos substantivos é a de referenciar, designar algum referente: alguma coisa ou pessoa.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges, ALMEIDA, Severina Alves (org.) **Educação Escolar Indígena e Diversidade Cultural**. Goiânia, ed. América, 2012.

\_\_\_\_\_. **Índios do Tocantins: aspectos históricos e culturais**”. In: SILVA, Norma Lucia da; VIEIRA, Martha Victor. (Org.). *Ensino de história e formação continuada: teorias, metodologias e práticas?* Goiânia: Ed. da PUC Goiás, pp. 135- 158, 2013.

\_\_\_\_\_. **Cadernos de Educação Escolar Indígena – Aspectos do Processo de Educação Escolar Bilíngue dos Apinayé**. UNEMAT. v.6, n.1, 2008.

\_\_\_\_\_. **Contato dos Apinayé de Riachinho e Bonito com o Português: Aspectos da Situação Sociolinguística**. Dissertação de Mestrado em Letras e Linguística. Goiânia, UFG, 1999.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. 43. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

Valteir TPÊKRU XERENTE; Francisco Edviges ALBUQUERQUE. Os Substantivos em Akwê Mrmêze: Uma Proposta Lexicográfica na Perspectiva da Identidade Xerente. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2021. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: [jnt@faculdefacit.edu.br](mailto:jnt@faculdefacit.edu.br). 2021. Dezembro. Dossiê Temático: Educação Indígena. Ed. 32. V. 1. Págs. 375-417.

ALMEIDA, Severina Alves de; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; PINHO, Maria José de. **Transdisciplinaridade e educação intercultural**: a formação do professor indígena Apinayé em perspectiva. Repositório do Lali/UFT, Araguaína/TO, 2014. Disponível em: <http://www.uft.edu.br/lali/uploads>. Acesso em 02ago2018

ALVES, P. M. **O Léxico do Tupari**. Araraquara, 2004. 286f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

AZANHA, Gilberto; LADEIRA, Maria Elisa. **Estudo de Impacto Ambiental Hidrelétrica do Lageado**: componente indígena sobre os Xerente. São Paulo : Themag Eng, 1996.

BANIWA, Gersem. **Educação Escolar Indígena no Brasil**: avanços, limites e novas perspectivas. Goiânia: 36ª Reunião Anual da ANPED, 2013.

BASILIO, Margarida. 2010. **Fusão vocabular expressiva**: um estudo da produtividade e da criatividade em construções lexicais. Textos Seleccionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Porto, APL, p. 201-210. Disponível em <http://www.apl.org.pt/docs/25-textos-seleccionados/15-Margarida%20Basilio.pdf>.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. **Educação escolar Indígena no século XX**: da escola para os índios à escola específica e diferenciada. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS Maria Helena Câmara (Orgs.). **Histórias e memórias da Educação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria lingüística** – lingüística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1999.

BIDERMAN, M. T. C. **As ciências do léxico**. In: OLIVEIRA, A. M. P. P; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. v. 1. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

BONIN, Iara Tatiana. **Educação Escolar indígena e docência**: princípios e normas na legislação em vigor. In: BERGAMASCHI, Maria Aparecida. **Povos Indígenas e Educação**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

BRAGGIO, S. L. B. (2005) **Revisitando a fonética/fonologia da língua Xerente Akwê**: uma visão comparativa dos dados de Martius (1866), a Maybury-Lewis (1965) com os de Braggio (2004). *Signótica*. Goiânia, v. 17, n. 2, 2005b. p. 251-2742.

BRAGGIO, S. L. B. **A instauração da escrita entre os Xerente**: conflitos e resistência. In: *Museu Antropológico*. Goiânia: UFG, 2000.

BRAGGIO, S. L. B. **Línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção**: documentação, tipologias sociolinguísticas, e educação escolar. Atas do II Encontro Nacional da GELCO. Brasília: UNB, 2003.

BRAGGIO, Silvia Lucia Bigonjal **A variedade étnica Português Xerente Akwê: subsídios para a educação escolar indígena**. *Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico*. USP, 2015.

Valteir TPÊKRU XERENTE; Francisco Edviges ALBUQUERQUE. **Os Substantivos em Akwê Mrmêze: Uma Proposta Lexicográfica na Perspectiva da Identidade Xerente**. *JNT- Facit Business and Technology Journal*. QUALIS B1. 2021. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: [jnt@faculdefacit.edu.br](mailto:jnt@faculdefacit.edu.br). 2021. Dezembro. Dossiê Temático: Educação Indígena. Ed. 32. V. 1. Págs. 375-417.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**/Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. República Federativa do. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. República Federativa do. **Decreto nº 26, de 4 de fevereiro de 1991**. Brasília, DF, Senado, 1991.

BRASIL. República Federativa do. **Estatuto do Índio: Lei 6.001/1973**. Brasília: MEC, 1973.

BRASIL. República Federativa do. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96**. São Paulo: SINPRO, 1996.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

CASTILHO, Ataliba T. de. ELIAS, Vanda Maria. **Pequena gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Legislação Indígena no século XIX**. Comissão Pró- índio de São Paulo. Editora USP 1992.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Transdisciplinaridade**, Editora Palas, São Paulo, 2009.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e antroponímia no Brasil: coletânea de estudos**. 3º. ed. São Paulo. DEDALUS-Acervo-FFLCH, 1992.

DE PAULA, Luís Roberto. **Dinâmica faccional Xerente: esfera local e processos sociopolíticos nacionais e internacionais**. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

FARIAS, Agenor. **Fluxos sociais Xerente: organização social e dinâmica das relações entre aldeias**. Dissertação (Mestrado em Antropologia), FFLCH/USP, São Paulo, 1990.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.  
GRUPIONI, Luís Donisete B. (Ed.). **Coleção de livros didáticos do referencial curricular nacional para as escolas indígenas: informações para o professor**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

GALLAIS, Estevão. **O Apóstolo do Araguaia: Frei Gil missionário dominicano**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1942.

GENOUVRIER, E.; PEYTARD, J. **Léxico e Vocabulário**. In: \_\_\_\_\_. *Linguística e ensino do português*. Coimbra: Almedina, 1985.

Valteir TPÊKRU XERENTE; Francisco Edviges ALBUQUERQUE. Os Substantivos em Akwê Mrmêze: Uma Proposta Lexicográfica na Perspectiva da Identidade Xerente. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2021. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: [jnt@faculdefacit.edu.br](mailto:jnt@faculdefacit.edu.br). 2021. Dezembro. Dossiê Temático: Educação Indígena. Ed. 32. V. 1. Págs. 375-417.



GRUPIONI, Luiz Donisete Benzi. **A Educação Escolar Indígena no Plano Nacional de Educação**. Subsídio para o I Encontro Nacional de Coordenadores de Projetos na Área de Educação Indígena, Comitê Nacional de Educação Escolar Indígena/ MEC, Brasília, 1997.

GUIMARÃES, S. G. **Aquisição da escrita e a diversidade cultural**: a prática do professor Xerente. 1996. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB, 1996.

GUIMARÃES, Susana Martelletti Grillo. **A aquisição da escrita e diversidade cultural**: a prática de professores Xerente. Brasília : UnB, 1996. 164 p. (Dissertação de Mestrado);

GUIMARÃES, Susana Martelletti Grillo. **A aquisição da escrita e diversidade cultural**: a prática de professores Xerente. Brasília: FUNAI/DEDOC, 2002.

KRIEGER, W. B. e KRIEGER, G. C. **Dicionário escolar**: Xerente-Português-Xerente. Rio de Janeiro: Junta das Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira, 1994.

LANGACKER, Ronald W. **A linguagem e sua estrutura**. Trad. Gilda Maria Corrêa de Azevedo. Petrópolis: Vozes, 1977.

LIMA, Antonio Carlos de S. **Um grande cerco de paz**. Poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1995.

LOWIE, Robert. **A note on the Northern Gê tribes of Brazil**. American Anthropologist, n. s., v. 43: 188-196, 1941.

LUZ, Edward Mantoanneli. **As festas Xerente** : ritual e política em uma situação de liminaridade nas relações interétnicas entre a sociedade Xerente e parcelas da sociedade nacional. Brasília : UnB, 1999. (Monografia de Graduação).

MAHER, T. M. **Políticas linguísticas e políticas de identidade**: currículo e representações de professores indígenas na Amazônia ocidental brasileira. Currículo sem Fronteiras, v. 10, n. 1, p. 33-48, jan./jun. 2010.

MATTOS, CLG. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. Etnografia e educação: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Disponível em <http://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf> Acesso em 01/03/2019.

MATTOS, R. **Fonêmica Xerente**. vol. 1. Brasília, DF: Summer Institute of Linguistics, 1973. p. 79-100.

MATTOS, R. **Língua e cultura Xerente**: Coletânea de artigos e descrições sobre a língua e a cultura do povo Akwê Xerente do Tocantins. Miracema do Tocantins: Não publicado, 1981.

MESQUITA, R. (2009). **Empréstimos linguísticos do português em Xerente Akwê**. 146 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás.

Valteir TPÊKRU XERENTE; Francisco Edviges ALBUQUERQUE. Os Substantivos em Akwê Mrmêze: Uma Proposta Lexicográfica na Perspectiva da Identidade Xerente. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2021. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: [jnt@faculdefacit.edu.br](mailto:jnt@faculdefacit.edu.br). 2021. Dezembro. Dossiê Temático: Educação Indígena. Ed. 32. V. 1. Págs. 375-417.

MIRANDA, Antonio Luiz Alencar ; CARNEIRO, J. de R. D. ; VALE, Maria José Quaresma. **Contato linguístico e ensino:** a contribuição de línguas indígenas na aprendizagem do português brasileiro. Web-Revista SOCIODIALETO , v. 4, p. 116-147, 2013.

MJ/MEC. Ministério da Justiça. Ministério da Educação. **Portaria Interministerial nº 559, de 16 de abril de 1991.** Estabelece a criação dos Núcleos de Educação Escolar Indígena (NEIS). MJ/MEC. Brasília, 1991.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente:** implicações na formação do professor e nas práticas pedagógicas. Revista Em Aberto. Brasília, ano 16, n.70, abr./jun. 1996. Disponível em <http://rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article>. Acesso em 05jul2018.

NETO, Maria Gorete. **Português-indígena versus português-acadêmico:** tensões, desafios e possibilidades para as licenciaturas indígenas. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/pt/arquivos/sielp2012/1040.pdf>. Acesso em 27/07/2012.

NEVES, Josélia Gomes. **Alfabetização intercultural:** oralidade, escrita e bilinguismo em sociedades indígenas. Revista Espaço Acadêmico n. 85, junho de 2008, Ano VIII, ISBN 1519.6186. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/085/85neves.htm>. Acesso em 20/07/2018.

NEVES, M. H. M. **Ensino de língua e vivência de linguagem.** São Paulo: Contexto, 2010.

NIMUENDAJU, C. **The associations of the Šerente**(1939) American Anthropologist, vol. 41, nº 3, p. 408-415.

NIMUENDAJU, Curt .**Carta ao Major Alencarliense** (Piabanha, 4 de abril de 1930), in Relatório da Inspectoria de Goyas do SPI, do ano 1930 (Museu do Índio/Serviço de Arquivos, Filme 342, Fotograma 78), 1930.

NIMUENDAJÚ, Curt. **The Serente.** Los Angeles: The Southwest Museum, 1942.

PINHO. Maria José de. MORAIS. Maria José da Silva. **Prática criativa e inovadora no processo de formação continuada.** Revista de Ciências Humanas – Educação - Frederico Westphalen nº25, 2014 Disponível em <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistadech>. Acesso em 06ago2018.

ROCHA, T. e MESCKA, P. M. **Análise comparativa das definições de substantivos e verbos nos compêndios de gramática normativa.** PERSPECTIVA, Erechim. V.36, n. 136, p. 89-99, dezembro/2012.

RODRIGUES, A. D. **Línguas brasileiras:** Para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986.

Valteir TPÊKRU XERENTE; Francisco Edviges ALBUQUERQUE. Os Substantivos em Akwê Mrmêze: Uma Proposta Lexicográfica na Perspectiva da Identidade Xerente. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2021. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: [jnt@faculdefacit.edu.br](mailto:jnt@faculdefacit.edu.br). 2021. Dezembro. Dossiê Temático: Educação Indígena. Ed. 32. V. 1. Págs. 375-417.

RODRIGUES, A. D. **Línguas Brasileiras**: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SAMURU XERENTE, Antônio. **Uma abordagem sob a ótica tradicional dos anciãos Akwẽ Xerente**: discutindo a educação tradicional versus “moderna”. Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia – Campus Miracema, UFT, 2012.

SANTOS, B.de S. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, M.G. **O processo de alfabetização na educação infantil**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

SAPIR, E. **Linguística como ciência**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961.

SEDUC. Secretaria de Educação do Tocantins. **Censo escolar**. 2016.

SCHROEDER, Ivo. **Os Xerente**: estrutura, história e política. Soc. e Cult., Goiânia, v. 13, n. 1, p. 2010.

SEPLAN, 2016, Secretaria de Planejamento e Orçamento do Estado do Tocantins. **Zoneamento Ecológico-Econômico**. Diagnóstico da Dinâmica Social e Econômica do Estado do Tocantins. Populações Tradicionais. Palmas: Seplan, 2016.

SILVA, G. F. **Construindo um Dicionário Parakanã-Português**. Belém, 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Pará.

SILVA, P. H.G. ; ALBUQUERQUE, F. E. **As ciências do léxico**: proposições para a prática docente no ensino de línguas indígenas.- ISSN 2237-1753 - Qualis B2. Revista UniVap , v. 24, p. 39-53, 2018.

SINÃ, VALCI XERENTE. **Akwẽ Xerente Nĩsizem re hã Hêsuka**: nomes próprios do povo Akwẽ Xerente. 37 folhas. Trabalho de conclusão de curso (projeto extraescolar) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, Núcleo Takinahaky de Educação Intercultural, Goiânia, 2011.

SOUSA FILHO, S. M. **Aspectos morfossintáticos da língua Akwẽ-Xerente (Jê)**. 330 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, 2007.

SOUSA FILHO, S. M. **Aquisição do português oral pela criança Xerente**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2000.

SOUZA, S. L. . **Fonética e Fonologia da Língua Akwen-Xerente**: aspectos segmentais. 1. ed. Rio Branco: EDUFAC, 2008.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. **Didática transdisciplinar emergente**. In: XVII ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino, 2014, Fortaleza. A didática

Valteir TPÊKRU XERENTE; Francisco Edviges ALBUQUERQUE. Os Substantivos em Akwẽ Mrmêze: Uma Proposta Lexicográfica na Perspectiva da Identidade Xerente. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2021. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: [jnt@faculdefacit.edu.br](mailto:jnt@faculdefacit.edu.br). 2021. Dezembro. Dossiê Temático: Educação Indígena. Ed. 32. V. 1. Págs. 375-417.

e a Prática de Ensino nas relações entre a escola, a formação de professores e a sociedade. Fortaleza: UECE, 2014.

TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolinguística**. 6ª edição. São Paulo: Ática, 1999.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia de pesquisa-ação**. 15 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

TOCANTINS, **Distrito Sanitário Especial Indígena – DSEI**, 2017.

TPÊKRU, Valteir Xerente. **Discursos dos Velhos Akwẽ**. Trabalho de conclusão de curso (projeto extraescolar). Goiânia: Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, Núcleo Takinahaky de Educação Intercultural, 2011.

WEISS, H. E. (1998) **Para um Dicionário da Língua Kayabí**, tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.

WEWERING, Silvia Thêkla (Org.). **Povo Akwẽ Xerente: vida, cultura, identidade**. Belo Horizonte: Editora Rona, 2012.